

## INTRODUÇÃO

A concepção de desporto, tal como a maioria das concepções, tem vindo a sofrer mudanças ao longo do tempo, consoante as necessidades sociais que têm vindo a surgir. Actualmente assiste-se a uma valorização da autonomia do desporto, e a uma preocupação para que este, enquanto prática de lazer, possa ser acessível a todos os cidadãos. Esta nova visão do desporto comporta uma individualização do desporto, ou seja, o desporto dos novos tempos deverá ser feito à medida de cada um. O desporto assume-se assim num processo de humanização, que é um requisito da liberdade e já não só, como acontecia anteriormente, orientado para a multiplicação das necessidades e o correspondente aumento das capacidades e dos meios para o efeito. O desporto tornou-se assim muito mais abrangente, muito mais rico, pois está ligado ao sistema-chave da organização social, abrangendo desde a educação ao ordenamento do território, do trabalho e tempos livres às estruturas de consumo, do sistema de saúde às próprias instituições.

O nosso estudo pretende saber qual a relação que se estabelece entre a proximidade de infra-estruturas desportivas e a sua influência na prática desportiva da sociedade, isto é, pretendemos saber se a abertura de uma nova infra-estrutura desportiva altera os hábitos desportivos da população local. Para o efeito, escolhemos o Complexo de Piscinas Rui Abreu, localizado em Eiras, como nosso universo de análise. A problemática em estudo, suscitou-me bastante interesse, pois sempre estive ligado a actividades no meio aquático (natação e pólo-aquático), levando-me a pensar como é que a população dos arredores de Coimbra poderia usufruir dos serviços oferecidos pelas piscinas, já que estas eram escassas na zona referida, chegando mesmo, no ano 2003/2004, ao ridículo de existir apenas uma piscina para servir toda a zona de Coimbra.

O presente trabalho encontra-se dividido em três grandes capítulos. No primeiro realizamos o enquadramento teórico com base na leitura de diferentes autores, que nos ajudaram a construir a nossa problemática, e a definir o nosso objecto e hipóteses. No segundo capítulo encontra-se o método de investigação onde se referem as variáveis e indicadores, técnicas e tratamento de recolha de informação, e universo de análise. Por fim, no último, procedeu-se à análise e discussão dos resultados, com vista à obtenção das conclusões do presente estudo.

# CAPÍTULO I

## ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 1.1. Mudanças nas Práticas Desportivas

Em relativamente pouco tempo o mundo mudou, principalmente no que diz respeito às alterações estruturais, hábitos, costumes e estilos de vida das sociedades. Ainda no século passado um operário trabalharia cerca de 4000 horas por ano; actualmente não trabalhará mais de 1600 horas. Então o pouco tempo livre disponível teria naturalmente funções de recomposição e recriação da força e da capacidade de trabalho. Actualmente trabalha-se menos e produz-se mais. “A parcela de tempo livre é superior à do tempo de trabalho, e aquele espaço ganhou uma diferente percepção colectiva traduzida na importância social do seu uso, como factor de criação de novos valores” (Constantino, 1993:205). Foi a partir deste momento que surgiu a cultura do tempo livre.

De acordo com esta abordagem, Brohm (Ap. Stigger, 2002) acrescenta que as actividades físicas em geral, e o desporto em particular, cumprem o papel das diminuições sociais existentes na sociedade moderna, contribuindo assim para a manutenção do sistema capitalista. Desta forma do ponto de vista económico a actividade física tanto significa a compensação do desgaste, causado pelo trabalho, como a preparação para esta mesma actividade. Isto porque, segundo o autor, na sociedade industrial os homens são vistos apenas como engrenagens das máquinas que necessitam de produzir. Do foro político estas actividades são identificadas como factores de alienação, de fuga da realidade, quer como meios de relaxação e formas de escape, quer como espectáculo desportivo de maneira a desviar as populações dos reais problemas da sociedade em que estão inseridas.

Dumazedier (1994) diferencia-se de Brohm, identificando as actividades de lazer como um aspecto para o desenvolvimento pessoal e de participação social qualificada dos indivíduos, vendo-as como uma possibilidade de bem-estar para a sociedade e ainda de desenvolvimento social e cultural.

Elias e Dunning (1992) apresentam algumas inovações referentes ao conceito de lazer apresentado por Dumazedier, isto é, consideram que todas as actividades de

lazer são feitas no tempo livre, mas nem todas as actividades do tempo livre se caracterizam como lazer, pois muitas delas, mesmo não sendo profissionais, trazem também constrangimentos sociais e emocionais aos indivíduos, por serem rotineiras e marcadas por níveis de coerção que as aproximam do trabalho. Assim, segundo estes autores, o lazer tem como grande objectivo proporcionar excitações agradáveis, relacionadas com as possibilidades individuais de escolha, encontrava-se ligada fundamentalmente ao divertimento durante algumas horas livres do trabalho. Cardoso (1984), afirmou mesmo que “o tempo de lazer [...] é chamado tempo livre porque justamente nestas horas [...] o trabalhador escolhe.” Este desporto de lazer é considerado por Mota (1997) um espaço e um tempo próprios da existência individual e um fenómeno orientado para a realização do sujeito, constituindo uma alternativa decisiva nas escolhas de responsabilização individual na construção do seu estilo de vida.

Na Europa, no final do século XVIII e início do século XIX, os médicos e pedagogos da época, apoiados pelo Estado, desenvolveram o pensamento higienicista que, de acordo com Soares (1992), via no homem fortalecido pelo exercício físico o ideal que possibilitava a prosperidade da pátria. Deste modo, a actividade física em geral, e o desporto em particular, estavam habitualmente associados à saúde, transformando-se num valor compartilhado pelos vários segmentos populacionais.

O desporto, nesta época, passa também a ser considerado como um processo de socialização. Zaluar (1994), afirma que a prática desportiva amplia os horizontes sociais dos indivíduos, inserindo-os noutras redes de sociabilidade, que irão integrá-los noutros contextos da sociedade em que vivem.

Hoje em dia é difícil imaginar alguma sociedade em que não haja relação entre tempo de trabalho e tempo de não-trabalho, na qual os seus integrantes não aproveitem este último para se recuperarem da fadiga causada pelo primeiro (Stigger, 2002). A oposição de valores dentro do sistema desportivo, provocado pelo movimento do desporto para todos, incrementado e difundido durante a segunda metade deste século, provocou alterações nos comportamentos e nas posturas face às actividades físico-desportivas nas sociedades modernas.

A democratização do acesso ao desporto e a consagração deste como um “direito do cidadão”, promoveram a cultura físico-desportiva, incrementando a generalização da prática desportiva (Marivoet, 1993).

A promoção do “desporto para todos” e o estabelecimento de políticas desportivas que consagram o desporto como um direito do cidadão, distanciam em duas décadas a sociedade portuguesa face à realidade dos países da comunidade europeia que desenvolveram políticas de “Welfare State”. Enquanto nessas sociedades os Estados beneficiaram de boas condições orçamentais e investiram em redes de infra-estruturas desportivas à escala nacional, criando condições de acesso à prática, em Portugal, os diminutos investimentos estatais eram dados em forma de subsídios às instituições encarregues do desenvolvimento das diferentes modalidades no contexto do modelo clássico. Com a instauração do regime democrático a partir de 1974, novos discursos surgiram na defesa do acesso ao desporto e na consagração deste como um direito, embora só a partir de 1982 a Constituição Portuguesa incumba ao Estado a criação de condições para um efectivo acesso (Marivoet, 1993).

“A deficiente promoção desportiva no contexto do lazer, e a carência de infra-estruturas desportivas, dificultaram a aquisição de novos valores capazes de generalizarem a prática desportiva, criando novos hábitos, tal como acontecera nas sociedades onde o movimento do desporto para todos mais se expressou” (Marivoet, 1993:195).

## **1.2. Hábitos Desportivos**

### **1.2.1. A prática desportiva inserida nos estilos de vida**

Bento (1990) afirma existir uma unanimidade na opinião de que o desporto, como fenómeno social e cultural por excelência desempenha um papel importante no âmbito da socialização, dado o “social” surgir em todas as suas formas, com “ramificações e manifestações, nas suas componentes estáticas e dinâmicas”, nas formas de vivência e estruturas organizativas (1990:30).

Segundo Heinemann (Ap Rittner, 1983) o complexo “socialização e desporto” deve ser dividido em duas questões independentes. Socialização no desporto, que segundo Bento (1990), tem início com o nascimento, não sendo pois possível separar uma socialização geral e especificamente desportiva. Neste contexto surge a família como primeira instância de socialização, dando-se grande relevância

tanto ao estrato social dos pais, como ao seu empenhamento desportivo. Na segunda fase de socialização os grupos de parceiros da mesma idade substituem a família como instancia mais importante de socialização. Por fim surge a escola, com um papel igualmente importante nesta fase de socialização. Apesar de, aquando o término da formação escolar e a inclusão na actividade profissional, parece ter sido ultrapassado pelo jovem o ponto alto dos seus interesses pela prática desportiva, inclinando-se preferencialmente para outros domínios.

Socialização através do desporto, que segundo Bento (1990), parece, evidentemente, plausível que no desporto possam ser aprendidos o sentido de observância das regras, da cooperação e da interacção social, reforçando assim a força e a identidade do “eu”. No entanto permanece em dúvida a existência de diferenças nas características gerais da personalidade de desportistas e não desportistas.

A aquisição de hábitos de prática numa sociedade com uma deficiente difusão de novos valores de cultura físico-desportiva, depende em grande parte do investimento imprimido ao campo das práticas desportivas nos processos de reprodução social. Este processo de reprodução de valores e práticas sociais nos diferentes grupos sociais, estabelece modos de vida onde se atribui à condição física, ao corpo, à estética e à saúde, diferentes importâncias.

Neste contexto, a aquisição de hábitos de prática desportiva, e por consequência a sua mais abrangente generalização, atribui ao sistema educativo uma relevada importância, isto é, a participação desportiva nas categorias com maiores níveis de escolaridade, e consequentemente com maiores volumes de capital cultural e económico, denota a existência de uma aprendizagem desportiva na juventude; investimento que se traduz em capital técnico-desportivo capaz de ser reinvestido ao longo da vida (Marivoet 1993).

### **1.2.2. Determinações e razões na prática desportiva**

Se a razão de ser e de existir de um dado serviço desportivo é a satisfação do consumidor, parece fácil admitir que as características do produto a oferecer deverão ter em conta todos os factores que envolvem todo o processo de consumo desportivo

(Teixeira 2000). Segundo Constantino, “A procura da prática desportiva cresce, em quantidade, em diversidade e em durabilidade, na razão directa da sua presença nos regimes de escolaridade, seja pela criação de hábitos desportivos, seja pela aquisição de técnicas de uso desportivo do corpo” (Ap. Branco, 1994:68).

Tratar esta dinâmica de consumo, implica procurar e explicar as principais razões e factores que influenciam e determinam as decisões relacionadas com o consumo da prática de desporto. De acordo com Teixeira (2000), podem contar com a certeza de que a natureza do ser humano o leva para uma necessidade inata de movimento. Importa, no entanto, saber como é que esse movimento pode ser transformado no consumo de um serviço desportivo.

Para compreendermos os mecanismos que afectam e influenciam as decisões de consumo de serviços desportivos, teremos de ter em linha de conta, quer as influências individuais, quer os factores sociológicos e psicossociológicos, quer os factores ligados ao ambiente cultural.

No que se refere aos **Factores Individuais**, o acto de consumo reflecte sempre as características individuais do indivíduo, correspondendo estas aos estímulos internos explicativos do comportamento do consumidor, que podem ser ordenados em três grandes subgrupos.

O primeiro subgrupo corresponde às **Necessidades**, no qual Teixeira (2000) afirma que a classificação de Murray identifica e propõe uma lista de vinte e oito necessidades, das quais foram seleccionadas onze: necessidade de adquirir; necessidade de realização; necessidade de exibição; necessidade de dominação; necessidade de afiliação; necessidade do jogo; necessidade de ordem; necessidade de reconhecimento; necessidade de deferência; necessidade de autonomia e necessidade de agressão. No entanto Maslow (Ap. Teixeira, 2000) foi mais longe, definindo uma pirâmide que hierarquiza as necessidades fundamentais. Pois as necessidades humanas podem ser classificadas por ordem de importância crescente de: necessidades de auto-realização; necessidades de estima; necessidades de pertença; necessidades de segurança e necessidades fisiológicas.

As **Motivações** constituem o segundo subgrupo e a sua definição varia consoante o autor, apesar de existir um consenso entre eles, pois as motivações são geradoras de comportamentos de consumo. Segundo Joannis (Ap. Teixeira, 2000), as motivações dividem-se em três graus: motivações “hedonistas” (desejo de aproveitar a vida); motivações “oblativas” (desejo de praticar o bem) e motivações de auto-

expressão (desejo de se exprimir). As motivações, tanto como os desejos ou necessidades, podem permanecer num estado activo ou num estado latente.

O terceiro subgrupo corresponde à **Personalidade**, que diversos autores definem como o conjunto de reacções estáveis e coordenadas de um indivíduo face ao seu meio envolvente, a existência de uma predisposição subjacente e influenciadora do comportamento do consumidor.

No entanto, para além destes aspectos, também é importante referir a percepção que o consumidor tem sobre o serviço de desporto, a imagem que ele retém do mesmo, através da sensação e da interpretação que lhe é dada. As preferências e atitudes ocupam um lugar de destaque, uma vez que são elas que moldam uma certa inclinação do consumidor para um serviço desportivo específico.

Para a compreensão da natureza e da estrutura das atitudes, a maioria dos autores concorda em decompô-las em três grandes elementos, sendo o primeiro a Componente cognitiva, agrupa o conjunto de conhecimentos e crenças associadas a um dado serviço, constituindo a imagem que se tem dele, a segunda a Componente afectiva, corresponde à avaliação que se tem da imagem formada, expressa num sentimento positivo ou negativo sobre o serviço desportivo e, finalmente a terceira, a Componente conativa, ligada à dimensão das intenções do comportamento, simboliza uma previsão acerca da adesão concreta do indivíduo relativamente à acção de consumir.

Quanto aos **Factores Sociológicos e Psicossociológicos**, o comportamento do consumidor, depende, para além dos factores individuais, de outros condicionalismos provenientes do meio social envolvente, ou seja, grupos de referência e líderes de opinião, que de acordo com diversos autores a constituição de um grupo é caracterizada pela existência de pessoas que, ao terem objectivos e necessidades comuns, procuram cooperar de forma a satisfazeres os seus intentos. Assim sendo, a afiliação e a interacção social representam, talvez, os traços mais distintos da condição humana, sendo o grupo a célula base da vida em sociedades. A par da extraordinária influência desempenhada pelo grupo no comportamento do consumidor, Teixeira (2000) afirma, que os líderes desses mesmos grupos vinculam opiniões, ideias, imagens e conceitos altamente susceptíveis de seguidismo. Logo, a intensidade da influência dos líderes de opinião é fortemente visível.

As classes sociais, em que a sua definição difere de autor, apesar da mais usual consistir nos sinais exteriores e a posse de bens. Vários autores afirmam que,

para a sua expressão social, o indivíduo, procura um leque de serviços e simbolismos que se identificam com o seu estatuto social. Este consumo ostensivo, tem como finalidade demonstrar a riqueza, ou um certo nível social do consumidor. Contudo, estudos recentemente efectuados (Teixeira 2000), demonstram um sentido tendencial para que os indivíduos de classes sociais mais elevadas, procurem o consumo de serviços desportivos caracteristicamente diferentes, mais simples, pouco sofisticados e menos dispendiosos, como a corrida, a caminhada e o contacto com a natureza.

Finalmente, no que se refere aos **Factores culturais**, a cultura espelha um determinado ambiente geral, caracterizando-se pelo reflexo de um conjunto de normas, que regem o comportamento de uma sociedade, e um sistema de valores, exprimindo os ideais. Segundo alguns autores, se o factor cultural é o pano de fundo capaz de criar, em permanência, hábitos de consumo de práticas desportivas, então, será necessário desenvolver uma cultura completa e abrangente, onde o quadrante desportivo esteja claramente presente e definido. O verdadeiro desafio é a transformação das necessidades de consumo de serviços desportivos, num valor cultural aceite, assumido e globalizado.

### **1.3. O Desporto e as Autarquias**

#### **1.3.1. Planeamento e Parcerias**

Diversos autores afirmam que o desporto na actualidade tem um papel social importante e insubstituível, nas suas vertentes: educativa; recreativa; de lazer e aventura; desporto adaptado. O desporto ocupa um lugar muito importante no país e na sociedade (Dias 2000).

O direito à cultura física e desporto vem consagrado no artigo nº 79 da Constituição Portuguesa. De acordo com Dias (2000), a primeira lei das Finanças Locais (finais de 1979), foi um marco, pois as câmaras municipais puderam então iniciar uma acção que se foi alargando a toda a dinâmica do desenvolvimento global dos seus municípios e passaram rapidamente a desempenhar um papel determinante no domínio da promoção, fomento e desenvolvimento das práticas desportivas. Assim, a missão de um município é, tornar acessíveis as actividades físicas desportivas, ao

maior número de munícipes, melhorando a atractibilidade, segurança e enquadramento técnico das suas condições de prática (Constantino, 1993). Branco (1994) também concorda, afirmando que o cidadão deverá ser a base do sistema desportivo e múltiplas deveram ser as formas de apoio, no sentido de que possa ter acesso, com qualidade à prática desportiva.

Entende-se que o acesso ao desporto e a difusão de uma prática regular da actividade física referenciada à saúde, ao lazer e ao bem-estar dos cidadãos, constitui um direito indissociável da equidade social, da melhoria da qualidade de vida e de humanização da vida social. Contudo, as infra-estruturas desportivas, devido aos custos de planeamento, construção e despesas de manutenção elevados, devem ser geridos numa perspectiva de rentabilização social e económica pelas entidades públicas responsáveis.

As organizações públicas desportivas sem fins lucrativos têm uma vocação altruísta e humanista da sua actividade. Segundo Branco (1994), as organizações sem fins lucrativos existem para produzir a mudança nos indivíduos e na sociedade, e deverão ter o entendimento de que o desporto não é um valor neutro, mas que dependerá do uso que dele se fizer. Alguns autores consideram que é importante promover e apoiar o associativismo desportivo, e definir parcerias com entidades públicas que tenham responsabilidades e competências no âmbito do desporto e educação física.

Segundo Sarmiento e Almeida (1999), é necessário definir um método de planeamento e avaliação que permita uma análise socioeconómica da relação custo/benefício das organizações públicas desportivas e recreativas, permitindo assim a sua viabilidade e sobrevivência. Para isso, a intervenção da autarquia no desporto não se poderá reduzir, exclusivamente, à criação de equipamentos desportivos que, se não possuírem projectos próprios de animação e de aproveitamento, correrão o risco de se tornarem “pedras mortas” (Branco, 1994:68).

Em Portugal a distribuição geográfica da oferta de área útil de espaços desportivos não é equitativa e adequada, por conseguinte, entende-se que, no futuro, os equipamentos desportivos a projectar e construir devem procurar corrigir as assimetrias existentes entre regiões do interior versus regiões do litoral; noutra perspectiva, devem ter uma concepção multifuncional do seu espaço, para permitir no processo de direcção e gestão a conjugação da vertente desportiva e a de lazer.

De acordo com Pires e Sarmiento (1999) o conceito de equipamento desportivo está em profunda transformação em resultado da abertura a novas vias de formulação e abordagem programática das instalações e recursos, a soluções mais diversificadas, mais exigentes e mais adequadas à evolução das tendências do público em matéria de tempos livres e lazer. Também para Constantino (1994), o planeamento dos equipamentos desportivos deverá estar interligado com a planificação urbanística que define a estrutura do concelho, definido também a evolução das necessidades dos munícipes.

Vários autores entendem que o problema fundamental das políticas desportivas é definido pela acessibilidade de todo o cidadão à prática desportiva que se obtém por uma distribuição equitativa dos equipamentos desportivos, por uma gestão racional e rentabilizadora dos espaços desportivos nas suas vertentes: desportiva, educativa, social e económica; e uma orientação eficaz e ajustada da oferta desportiva, permitindo a correcção das assimetrias existentes e o fomento da prática desportiva generalizada.

Carvalho (1994) também partilha a mesma opinião, afirmando que, o poder local debate entre a pressão das respostas que tem de dar, a carência de meios e a ausência de concepções claras e concretas.

Debate-se, face a estas carências, o facto de ter de optar entre ou o apoio à estrutura federada, piramidal e selectiva, que politicamente lhe pode dar mais visibilidade ou uma grande quantidade de cidadãos que encontram dificuldades para chegar à prática (degradação da educação física na escola, falta de espaço nos seus bairros para a prática de desporto, falta de assistência médica desportiva, dificuldade de sobrevivência dos seus clubes, falta de créditos para a melhoria das suas instalações, ausência de técnicos qualificados).

Pereira (2000), afirma que em matéria de planificação e gestão de equipamentos desportivos, continua-se a assistir a situações com graves implicações negativas, quer em termos de custo de investimento, quer em custos de gestão decorrentes de reduzidas taxas de utilização.

Alguns autores, são ainda da opinião de que existe uma maior consciencialização para a necessidade dos equipamentos desportivos serem construídos em zonas onde a sua possibilidade de rentabilização havendo, uma maior sensibilidade para a realização de algumas parcerias, seja com a administração central, seja com o associativismo desportivo.

### **1.3.2. Parcerias com o movimento associativo**

As características corporativistas em que assentava o regime autoritário até 74, não contemplavam o livre associativismo, impondo por conseguinte, um forte controlo às organizações desportivas. Esta ingerência do Estado, fortemente contestada, provocou no pós-74 a defesa intransigente da autonomia do associativismo desportivo e a não interferência do Estado na organização e promoção da actividade desportiva. Este discurso partilhado quer pelos poderes estatais, quer pelos associativos, tem justificado o diminuto investimento na promoção e criação de um suporte infra-estrutural à escala nacional, que permita um verdadeiro acesso à prática desportiva generalizada no contexto do lazer (Marivoet, 1993).

Segundo Pereira (2000), o associativismo desportivo é uma das principais áreas de actuação das câmaras municipais e das juntas de freguesia. No entanto este associativismo encontra-se em crise, sendo necessário repensar as políticas de apoio ao associativismo e há que integrá-las num contexto que consagre o número crescente de pessoas que não se revê nessas organizações nem considera que estas as representem.

O interesse pelo desenvolvimento dos quadros competitivos e o investimento colocado nesse acompanhamento, são hábitos cuja importância ao nível das representações sociais não deve ser menosprezada. O conhecimento enciclopédico do percurso de um clube, dos resultados das suas equipas, das trajectórias dos seus jogadores, técnicos e dirigentes, constitui um património de representações e vivências sociais. A actualização participada ao longo de cada época, ora puxando pelas equipas nos espectáculos, ora seguindo a evolução e os conflitos institucionais produzidos nos meios associativos, e o acompanhamento da teia complexa de quadros competitivos à escala nacional e internacional, produzem um discurso partilhado num espaço e tempo de enorme riqueza no campo das representações e identificações sociais.

No campo da participação associativa, a riqueza do espaço de distinção é acrescida, revestindo-se as trajectórias na estrutura hierárquica um suporte na legitimação e afirmação social de lideranças e poderes locais ou nacionais (Marivoet 1993).

Pereira (2000), alerta que para além do apoio financeiro, outras vertentes poderão ser alvo do apoio das autarquias locais, como a cedência de transportes e

comparticipação para viaturas colectivas de transportes de passageiros, a cedência de material e equipamento desportivo, a prioridade e condições preferenciais no acesso aos equipamentos desportivos municipais, o apoio técnico, logístico e de acesso a informação (legislação, documentação, acções de formação), e ainda, diferentes fontes de financiamento, quer públicas quer privadas.

#### **1.4. O Mercado Desportivo**

Segundo Teixeira (2000), o consumo de serviços desportivos é, em última análise, o objectivo terminal de todo o processo de produção desportiva. Nos tempos que correm, às organizações desportivas, só resta um caminho, a criação de padrões de serviço altamente competitivos através da assunção de orientações políticas e estratégicas viradas intencionalmente para o mercado. É a força do mercado que dita as regras. Na realidade, vivemos num mercado global fortemente concorrencial, onde as organizações desportivas se batem permanentemente por conseguir seduzir e captar uma maior franja de consumidores para os seus serviços.

A procura de mais e melhores consumidores, para o leque diversificado de práticas desportivas oferecidas pelas organizações, tornou-se num objectivo consensual. Concomitantemente, a sua fixação e fidelização no consumo regular desses serviços, transformou-se numa necessidade prioritária e impetuosa.

Segundo dados recentes, somente “23% da população portuguesa, entre a faixa etária dos 15 e 74 anos, diz consumir algum tipo ou forma de prática desportiva”. Perante este facto, é necessário compreender o acto e o processo de consumo desportivo, na tentativa de encontrar algumas pistas para direccionar a produção de serviços desportivos, numa perspectiva de satisfação dos clientes (Marivoet, 2001). Desta forma, e indo ao encontro das expectativas, preferências e exigências dos consumidores, estar-se-á a contribuir para um potencial aumento dos níveis de consumo de actividades desportivas.

Quando nos referimos apenas às crianças e jovens, o seu mercado desportivo é essencialmente constituído pelos clubes desportivos e em certos casos por operadores privados. No entanto, segundo Branco (1994), estes clubes desportivos possuem algumas limitações, como a dificuldade em acolher no seu seio novas

práticas sociais e novas modalidades desportivas, a exclusão dos menos aptos fisicamente que não conseguem corresponder às exigências da lógica competitiva e de rendimento, a dificuldade em acolher crianças e jovens que não tenham como motivação essencial a fruição da vida, do lúdico, do convívio, da comunicação, da aventura, do prazer e do culto do corpo (Bento, 1991). A conjugação de todas estas limitações do clube desportivo traduzirá uma lógica segregadora em que, segundo Constantino (1991), às discriminações tradicionais junta outras, excluindo os que não têm jeito, habilidade ou rendimento, o que se traduz no abandono de segmentos significativos de crianças e de jovens que, querendo praticar desporto, não encontram nos clubes espaço e atenção.

### **1.5. Problemática e Definição do nosso Objecto de Estudo.**

Com base nos contributos dos diferentes autores referidos anteriormente, é dever das Câmaras Municipais criar mais e melhores condições de acesso às actividades desportivas do maior número de cidadãos dos diversos grupos etários da população. É portanto uma intervenção no sentido de democratizar a prática das actividades físicas e desportivas. Portugal ainda se encontra um pouco atrasado no que concerne a este assunto, pois são inúmeros os casos de instalações desportivas que não cumprem exactamente os objectivos para que foram delineadas, nem tão pouco no que se refere à sua localização geográfica, servem a população a que se destinam.

A democratização desportiva deve ser acompanhada pelo conceito de diversificação da oferta desportiva, não importando apenas quantificar o número de aderentes, mas antes e acima de tudo, qualificar e categorizar os programas conducentes à democratização efectiva da prática desportiva.

Este tipo de oferta diversificada tem, segundo vários autores, crescido nos últimos anos, tentando assegurar as condições de equilíbrio dos progressos quantitativo e qualitativo, conjugando os aspectos individuais e colectivos da vida humana, de modo a permitir a dinamização das atitudes, capacidades e conhecimentos nos mais diversos sectores do desporto. Os espaços desportivos devem facilitar a complementaridade entre as necessidades de actividade motora da

maioria dos praticantes e os interesses particulares de aperfeiçoamento total da minoria de desportistas de alto nível. As principais motivações que levam a nossa sociedade à prática desportiva são a saúde, desejo de exercício físico, divertimento e a ocupação dos tempos livres; para além do desporto ser um factor de modificação da sociabilidade ao intensificar a modalidade das relações entre indivíduos e grupos.

Estudos realizados por vários autores comprovam que a maioria da população recorre às instalações pertencentes aos municípios, aos recintos públicos e à prática desportiva ao ar livre. A procura de instalações desportivas está relacionada com o tipo de desporto ou prática físico-desportiva que a população deseja ter; isto é fundamental ter em conta, para não se oferecerem modelos de prática desportiva que não satisfaçam plenamente as necessidades da população, como Manuel Garcia Fernando afirma: “Ter um conhecimento correcto sobre a realidade social, no âmbito da procura desportiva é essencial a todo o processo de planeamento desportivo” (1990:102).

Tendo em conta as dificuldades ou limitações de recursos, necessitámos de limitar o nosso objecto de estudo. Assim, se a abertura de uma nova infra-estrutura desportiva for ao encontro das necessidades, interesses e motivações, nomeadamente, a diversidade de actividades, a flexibilidade de horários, a qualidade dos serviços e a acessibilidade em termos de custo da prática, poderá fomentar os hábitos desportivos da população envolvente.

Para a realização desta pesquisa fez-se o levantamento das seguintes hipóteses de trabalho: se se aumentar as condições ou diversidade da oferta desportiva, seriam reforçados os hábitos desportivos dos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu, independentemente da idade, sexo e habilitações literárias (H1); a maioria dos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu encontra-se satisfeita com a qualidade dos serviços, das instalações e equipamentos, mas não com os horários disponíveis e o custo da prática desportiva, em especial os mais velhos, as mulheres e os utentes com menores habilitações literárias (H2); a maioria dos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu não teriam hábitos desportivos antes da sua abertura, em especial os mais velhos, as mulheres e os utentes com menores habilitações literárias (H3)

## **CAPÍTULO II**

### **METODOLOGIA**

Neste capítulo serão apresentados os procedimentos metodológicos que serviram de orientação ao desenvolvimento do nosso estudo. Procurar-se-à realizar uma descrição detalhada e concisa, quer da metodologia, quer das partes fundamentais da pesquisa.

Apresentamos assim os procedimentos utilizados na identificação das variáveis e indicadores inerentes à comprovação das hipóteses de trabalho, as técnicas de recolha e tratamento da informação, mais especificamente, os procedimentos metodológicos relativos à aplicação do inquérito por questionário, o universo de análise e a estratificação da amostra.

#### **2.1- Variáveis e Indicadores**

Havendo necessidade de operacionalização das hipóteses com vista à sua comprovação, considerámos como variáveis para a Hipótese 1, a procura não satisfeita, a prática actual, a idade, o género e as habilitações literárias. Para a Hipótese 2 considerámos a satisfação dos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu, a idade, o género e as habilitações literárias. Finalmente para a comprovação da Hipótese 3, considerámos como variáveis, o percurso desportivo, a idade, o género e as habilitações literárias.

Para a verificação das nossas hipóteses definiu-se em primeiro lugar, as variáveis que nos permitiriam testar a validade das mesmas. Para o efeito foi ainda necessário decompor as variáveis, em indicadores, afim de podermos elaborar o inquérito sociográfico que serviu de base à nossa investigação.

Assim é possível observar no Quadro 1 como as variáveis e respectivos indicadores foram reagrupados, em três dimensões, sendo a primeira “Hábitos Desportivos”, a segunda “Oferta Desportiva” e por último o “Perfil Sociocultural”.

**Quadro 1 – Dimensões, Variáveis e Indicadores**

DIMENSÕES	VARIÁVEIS	INDICADORES
1.Hábitos Desportivos	1.1.Percurso Desportivo	1.1.1.Participação (passado) – P25/P26 1.1.2.Diferenciação – P25/P26/P28 1.1.3.Modalidades – P28 1.1.4.Âmbito – P29 1.1.5.Razão da não prática – P27
	1.2.Prática Actual	1.2.1.Razão do início da prática na piscina – P1 1.2.2.Participação fora da piscina – /P8 1.2.3.Razões da prática – P7 1.2.4.Regularidade – P4 1.2.5.Diferenciação – P2 1.2.6.Intensidade – P5 1.2.7.Modalidades – P2 1.2.8.Âmbito – P3 1.2.9.Periodo do dia – P6
	1.3.Procura Não Satisfeita	1.3.1.Procura Potencial – P18 1.3.2.Preferências no período do dia – P24 1.3.3.Modalidades pretendidas – P19 1.3.4.Intensão na regularidade – P22 1.3.5.Intensão na intensidade – P23 1.3.6.Infraestruturas – P20/P21
2.Oferta Desportiva	2.1Satisfação dos Utentes	2.1.1.Qualidade dos serviços – P10 2.1.2.Horários das modalidades – P16/P17 2.1.3.Expectativas/Professores – P11/P12 2.1.4.Expectativas/Custos – P13/P14/P15 2.1.5.Qualidade das infra-estruturas – P9
3.Perfil Sociocultural	3.1.Idade – P31	Até aos 18 anos 18 anos – 24 anos 25 anos – 34 anos 35 anos – 44 anos 45 anos – 54 anos 55 anos – 64 anos Mais de 65 anos
	3.2Género – P32	Masculino Feminino
	3.3.Habilitações Literárias – P33	Analfabeto Ciclo Preparatório/Instrução Primária 9º Ano (antigo 5º Ano Liceal) 11º/12º Ano (antigo 7º Ano Liceal) Curso Médio (Politécnico) Licenciatura Pós-Graduações
	3.4.Local de Residência – P30	Freguesia/Conselho

## **2.2. Técnica e Tratamento de Recolha de Informação**

### **2.2.1. Instrumento de medida**

Para a realização deste estudo foi realizado um inquérito sociográfico (ver Anexo I) com 33 perguntas, divididas em três grupos, que agregava toda a informação relativa às variáveis e indicadores. Na primeira parte do questionário faz-se referência à prática desportiva actual, na segunda parte ao grau de satisfação dos utentes, a terceira parte recolhe informação sobre a procura não satisfeita, a quarta parte questiona sobre o percurso desportivo, e por último, o perfil sociocultural do indivíduo. Este questionário contém inicialmente um texto explicativo do objectivo do estudo e da confidencialidade e anonimato das informações recolhidas.

As respostas foram codificadas, sendo algumas de escolha múltipla (o inquirido selecciona as que correspondem à sua situação), e outras de resposta única. Codificámos as questões 28 e 30 (P28 e P30), segundo as Tabelas 1 e 2 no Anexo II. Utilizou-se o inquérito por questionário, por se tratar de uma técnica quantitativa que nos permite, por um lado, retirar as devidas conclusões de uma forma objectivada dada a categorização prévia dos comportamentos, por outro, a estratificação de resultados de uma amostra para um universo mais alargado.

### **2.2.2. Procedimentos**

O primeiro passo realizado para a aplicação do instrumento, foi contactar com a Vereadora do Desporto da Câmara Municipal de Coimbra, de forma a tomar conhecimento do objectivo do estudo, aprovar o inquérito sociográfico e autorizar a sua aplicação aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu.

De seguida, contactámos com a pessoa responsável pelo Complexo de Piscinas Rui Abreu, solicitando a colaboração das recepcionistas. Visto que alguns utentes não tinham tempo para o preenchimento do inquérito no local, levam-no consigo, trazendo-o posteriormente devidamente preenchido, deixando-o na recepção do Complexo de Piscinas Rui Abreu.

Antes da aplicação dos inquéritos sociográficos foi realizado um pré-teste a 10 indivíduos com as características da amostra seleccionada, de modo a certificar a validade do questionário.

O questionário foi aplicado no decorrer do mês de Abril por administração directa pelo próprio investigador, que, estando sempre presente, se encarregou de dar todas as explicações úteis, para que os inquiridos preenchessem o inquérito.

### 2.2.3. Análise e tratamento dos dados

Os dados obtidos através da aplicação do inquérito aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu, foram tratados em computador com a ajuda de software específico para o efeito, o programa SPSS 13.0 for Windows versão Copyright © 2004 SPSS, Inc.

Foram elaborados quadros de apuramento, de forma a agrupar toda a informação relativa aos inquéritos, encontrando-se toda esta informação no Anexo III. Posteriormente, estes quadros serviram de base à criação de tabelas e gráficos que nos permitiram retirar as informações necessárias e que serão apresentados no próximo capítulo.

## 2.3. Universo de Análise

Conforme foi dito anteriormente, o preenchimento dos inquéritos sociográficos foi efectuado no mês de Abril durante diferentes hora do dia, de maneira a cobrir todos os dias da semana.

Dado não ter sido fornecida a distribuição dos utentes por sexo e idade, e apenas o total de inscrições nas modalidades, que segundo as informações dadas são cerca de 1400, estabelecemos uma amostra aleatória de 150 utentes, cuja margem de erro do tamanho da amostra para intervalos de confiança de 95% se situa nos 3,8%, podendo variar entre 1,89 e 5,76<sup>1</sup>. Dado o índice de diferenciação da amostra ser de

$$1 \sqrt{\frac{(N - n) \times P \times Q}{N \times n}} \mp (1.96)$$

Sendo:

N = Universo da População em estudo

n = Tamanho da amostra

P = Probabilidade de ser escolhido

Q = Probabilidade de não ser escolhido

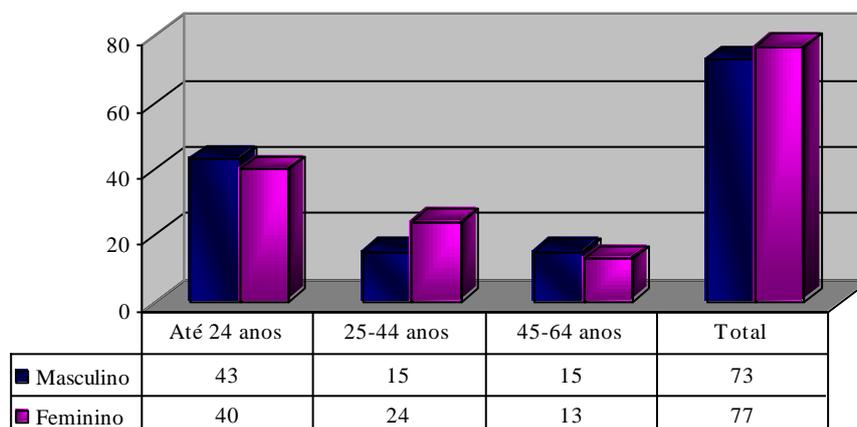
1.96 = Área da amostra para inferir em intervalos de confiança de 95%, ou seja, com uma margem de erro até 5%.

$$\sqrt{\frac{(1372 - 150) \times 2500}{1372 \times 150}} \mp (1.96) \sqrt{\frac{3055000}{205800}} \mp (1.96) \sqrt{14.8} \mp (1.96) 3.85 \mp (1.96) |1.89; 5.81|$$

1,02 estimamos que o Complexo possui 1372 utentes praticantes, sendo este o universo da nossa análise.

Dos resultados obtidos, pudemos então identificar a estratificação da amostra segundo o sexo, idade, e habilitações literárias, conforme Gráfico 1 e Quadro II<sup>2</sup>.

**Gráfico 1** - Amostra estratificada segundo o sexo e a idade



Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

**Quadro II** – Amostra estratificada segundo o sexo e as habilitações literárias

	Masculino	Feminino	TOTAL
Até Ciclo preparatório/Instrução primária	11	15	26
9º ano (antigo 5º ano Liceal)	11	11	22
11º/12º ano (antigo 7º ano Liceal)	27	20	47
Curso Superior	24	31	55
<b>TOTAL</b>	<b>73</b>	<b>77</b>	<b>150</b>

Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

É de referir que, como o número de utentes com mais de 65 anos, analfabetos, curso médio e pós graduações, categorias inicialmente previstas no nosso questionário, não foi significativo para retirarmos conclusões comparativas, optámos por reagrupar as idades e as habilitações literárias para efeito de análise, conforme Gráfico 1 e Quadro II.

<sup>2</sup> Ver-se no Anexo I, as categorias previstas para as idades (P31), e para as habilitações literárias (P33).

## **CAPÍTULO III**

### **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Se a abertura de uma nova infra-estrutura desportiva fosse ao encontro das necessidades, interesses e motivações, nomeadamente, a diversidade de actividades, a flexibilidade de horários, a qualidade dos serviços e a acessibilidade em termos de custo da prática, poderia fomentar os hábitos desportivos da população envolvente. Colocámos três hipóteses de investigação, a fim de podermos concluir acerca do nosso objecto, que iremos agora discutir com base na análise da informação recolhida através do inquérito sociográfico aplicado à amostra seleccionada no Complexo de Piscinas Rui Abreu (CPRA)

#### **3.1. Procura Desportiva**

Como primeira hipótese de investigação, considerámos que o aumento das condições ou diversidade da oferta desportiva, seriam reforçados os hábitos desportivos dos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu (CPRA), independentemente da idade, sexo e habilitações literárias.

##### **3.1.1. Razões para o Início da Prática Desportiva no Complexo de Piscinas Rui Abreu**

A partir da análise do Quadro III, verificámos que as duas principais razões para o início da prática desportiva no CPRA são comuns a ambos os sexos, sendo a proximidade da área de residência a principal razão (41%), e praticar desporto pelo clube (24%), a segunda mais apontada pelos utentes da nossa amostra. Na terceira razão, encontramos uma diferença segundo o sexo, assim, surge para os utentes masculinos a necessidade de praticar desporto (21%), enquanto que para as utentes a recomendação médica (14%).

<b>Quadro III – Início da prática desportiva no Complexo (%)</b>			
	Masculino	Feminino	TOTAL
Proximidade da área de residência	37	46	41
Por recomendação de amigos	14	13	13
Por recomendação de familiares	3	4	3
Por recomendação médica	6	14	10
Programa da escola	1	1	1
Acordo de empresa	-	-	-
Pelo clube	23	25	24
Necessidade de praticar desporto	21	12	16
	104	115	108
<b>TOTAL</b>	<b>N=73</b>	<b>N=77</b>	<b>N=150</b>

Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

O facto da principal razão para o início da prática desportiva ter sido a proximidade da área de residência, só demonstra que a maioria dos utentes pertencentes à nossa amostra pertencem à população local, pois 30% destes é residente em Eiras ou freguesias contíguas, facto que vem ao encontro da hipótese por nós inicialmente formulada (Cf. Quadro 45 no Anexo III).

### 3.1.2. Modalidades Desportivas Praticadas no Complexo de Piscinas Rui Abreu

No CPRA são possíveis a prática da natação, hidroginástica e pólo-aquático. Assim, da análise do Quadro IV, verificamos que a natação é sem d vida a modalidade desportiva mais praticada pela nossa amostra (87%), enquanto que, segundo o sexo, a hidroginástica é apenas praticada por utentes femininas (12%), verificando-se precisamente o oposto no pólo-aquático, que é unicamente praticado por utentes masculinos (10%).

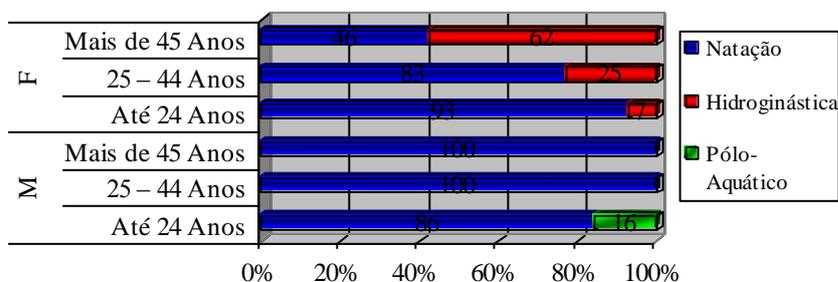
<b>Quadro IV – Modalidades praticadas no Complexo</b>			
	Natação (%)	Hidroginástica (%)	Pólo-Aquático (%)
TOTAL N=150	87	11	5
TOTAL M N=73	92	-	10
TOTAL F N=77	82	12	-
Até 24 Anos N=83	89	4	8
25 – 44 Anos N=39	90	15	-
Mais de 45 Anos N=28	75	29	-

Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

Constatámos também, que a hidroginástica é maioritariamente praticada por utentes mais velhos (29%), enquanto que o pólo-aquático é apenas praticado pelos utentes mais jovens, apesar de serem apenas 8%.

Comparativamente às faixas etárias, podemos verificar no Gráfico 2, que a natação é a única modalidade desportiva praticada por todos os grupos etários, sendo que 100% dos utentes masculinos com mais de 25 anos praticam apenas esta modalidade. Isto porque a única faixa etária a praticar pólo-aquático é a dos utentes masculinos até aos 24 anos com 16% de participação. No sexo feminino, a natação também tem um grande impacto sendo apenas superada pela hidroginástica que é praticada por 62% das mulheres com idade superior aos 45 anos (Cf. Quadro 23 no Anexo III).

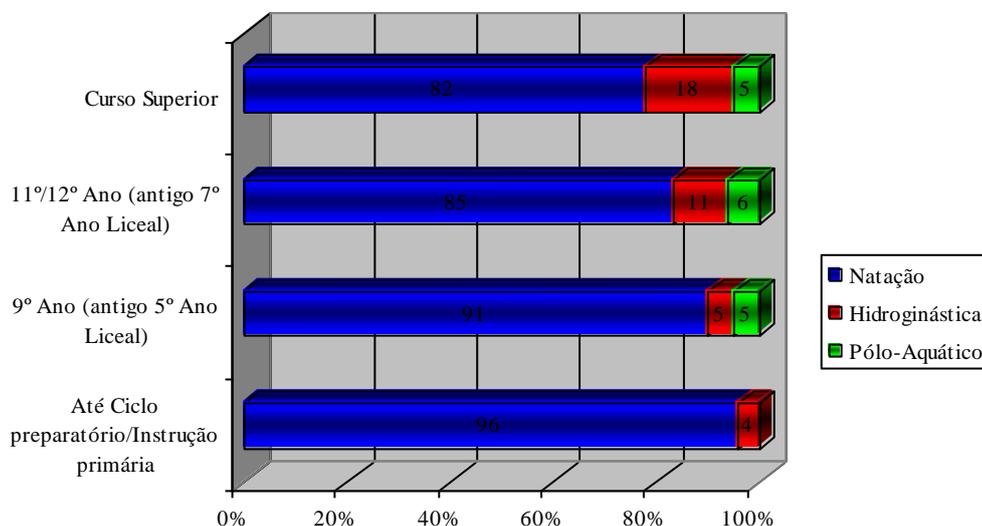
**Gráfico 2** - Modalidades desportivas praticadas no Complexo segundo o sexo e a idade



Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de

Como podemos observar no Gráfico 3, 82% dos utentes que possuem um curso superior praticam natação, sendo este o valor mais baixo proporcionalmente, já que estes utentes praticam mais as restantes modalidades oferecidas no Complexo.

**Gráfico 3** - Modalidades praticadas no Complexo segundo as habilitações literárias



Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de piscinas Rui Abreu

O pólo-aquático não apresenta nenhum praticante com habilitações literárias até ao ciclo preparatório/instrução primária, no entanto, 96% destes utentes (valor mais elevado), praticam natação. Relativamente à hidroginástica verificamos que a percentagem relativa à prática é directamente proporcional às habilitações literárias, assim, são os utentes com curso superior que apresentam o valor mais elevado (18%).

### 3.1.3. Âmbito e Razões para a Prática Desportiva

Através da análise do Quadro V, verificamos que o principal âmbito para a prática desportiva é o lazer/regime livre, reforçado por 47% da nossa amostra, seguido do desporto federado/competição e da prática nos clubes/aulas, ambos com 23%. Segundo o sexo verificamos que o principal âmbito apresentado anteriormente, é comum; já o âmbito federado/competição foi a segunda escolha nos utentes masculinos, com 26%, e a terceira escolha no sexo feminino, com 21%. No âmbito clubes/aulas verifica-se o contrário, sendo a terceira escolha nos masculinos (16%) e a segunda escolha nos femininos (30%).

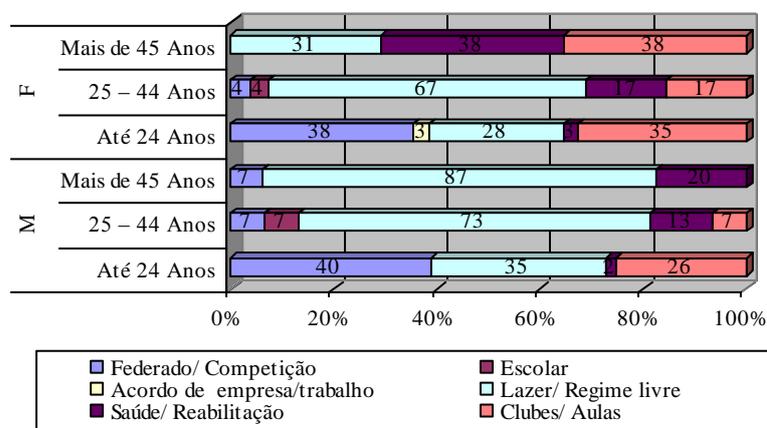
Comparando com a idade, verificamos que os utentes até aos 24 anos se encontram distribuídos por três âmbitos (federado/competição, lazer/regime livre, clubes/aulas), com um valor percentual semelhante. Os utentes com mais de 25 anos consideraram o lazer/regime livre como âmbito principal para a prática desportiva (66%), notando-se uma grande discrepância em relação aos outros âmbitos possíveis (Cf. Quadro 25 no Anexo III).

<b>Quadro V – Âmbito da prática (%)</b>							
	Federado/ Competição	Escolar	Acordo de empresa/trabalho	Lazer/ Regime livre	Saúde/ Reabilitação	Clubes/ Aulas	TOTAL
TOTAL N=150	23	1	1	47	11	23	106
TOTAL M N=73	26	1	-	53	8	16	104
TOTAL F N=77	21	1	1	40	13	30	106
Até 24 Anos N=83	39	-	1	31	2	30	103
25 – 44 Anos N=39	5	5	-	69	15	13	107
Mais de 45 Anos N=28	4	-	-	61	29	18	112

Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

Como podemos verificar no Gráfico 4, o âmbito principal nas idades mais jovens e em ambos os sexos é o federado/competição, enquanto que para os utentes entre os 25 e 44 anos, em ambos os sexos, o âmbito principal seleccionado foi o lazer/regime livre. Nos utentes mais velhos, já se verifica uma diferença entre os utentes masculinos que seleccionaram o lazer/regime livre como principal âmbito para a prática (87%), e os utentes femininos que seleccionaram a saúde/reabilitação (38%) e o clube/aulas (38%) como âmbitos principais para a prática desportiva.

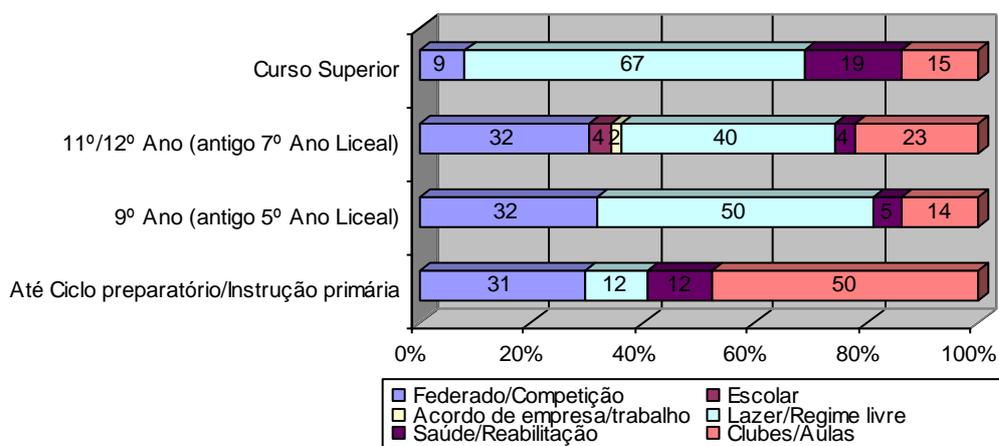
**Gráfico 4 - Âmbito da prática segundo o sexo e a idade**



Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

Relativamente às habilitações literárias dos utentes, verificamos que a única excepção são os utentes com o ciclo preparatório/instrução primária, que apresentam como principal âmbito os clubes/aulas (50%), como se pode ver no Gráfico 5.

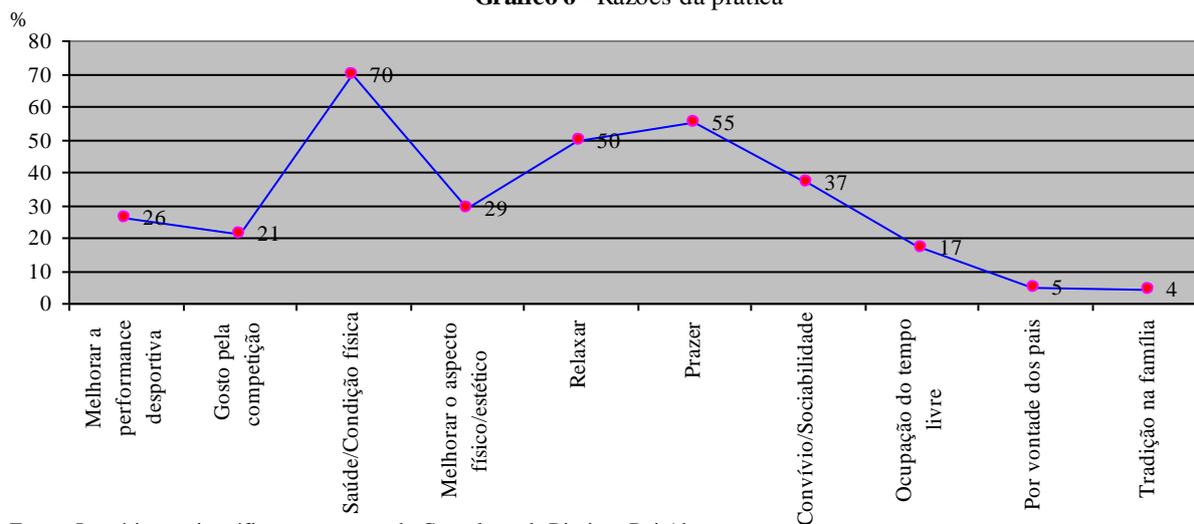
**Gráfico 5 - Âmbito da prática segundo as habilitações literárias**



Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

Para além do âmbito da prática desportiva, é de igual forma importante conhecer-se as diversas razões da prática desportiva. Assim, ao analisarmos o Gráfico 6, verificamos, que as razões da prática desportiva que mais se destacam são a saúde/condição física (70%), o prazer (55%) e o relaxar (50%), independentemente do sexo, da idade, e das habilitações literárias. Quanto às menos significativas encontra-se por “vontade dos pais” (5%), e “tradição na família” (4%), independentemente do sexo, da idade e das habilitações literárias.

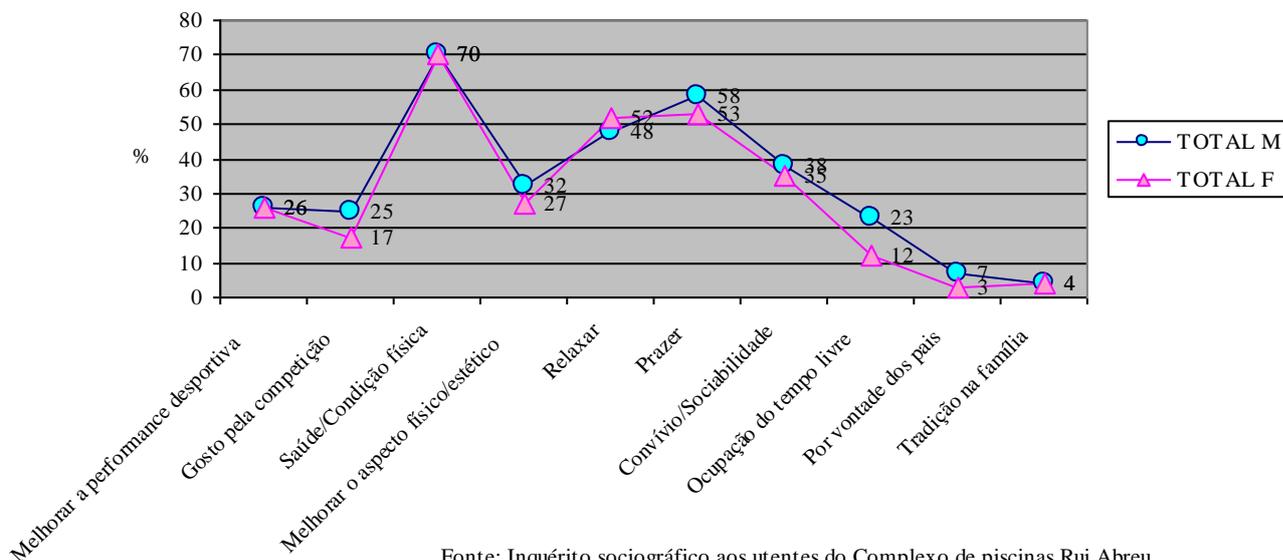
**Gráfico 6 - Razões da prática**



Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

A partir da análise do Gráfico 7, verificamos que a tendência dos utentes masculinos e femininos é semelhante à apresentada anteriormente quanto às razões da prática desportiva.

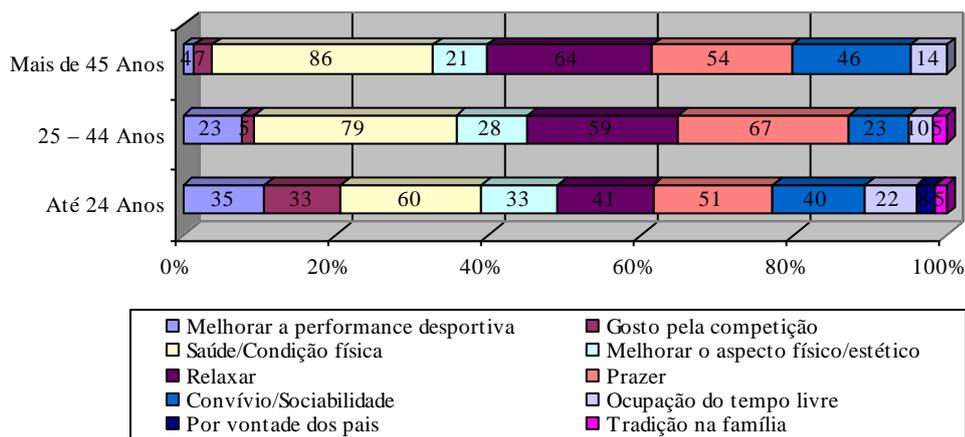
**Gráfico 7 - Razões da prática segundo o sexo**



Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de piscinas Rui Abreu

Em relação à idade, podemos observar a partir do Gráfico 8, que a razão principal para a prática se mantém a mesma para todas as idades, no entanto, a segunda razão para os utentes mais velhos é relaxar (64%), enquanto para os restantes utentes é o prazer.

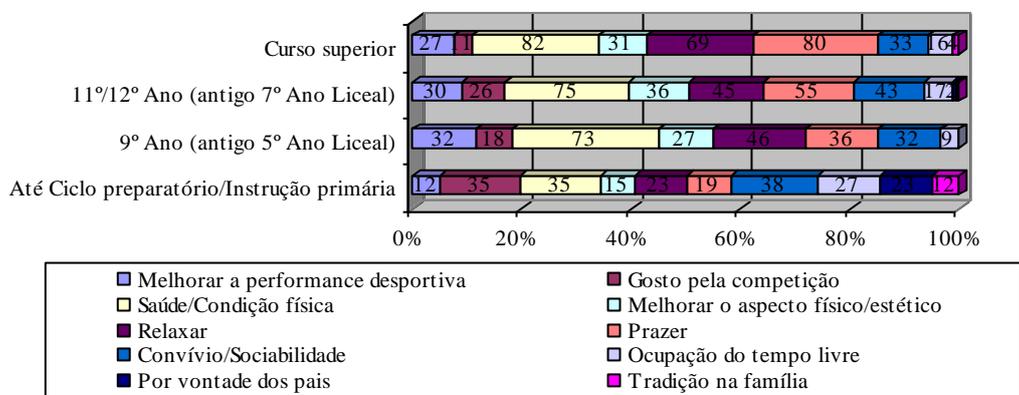
**Gráfico 8 - Razões da prática segundo a idade**



Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

No que respeita às habilitações literárias, e comparativamente à razão “saúde/condição física”, podemos verificar no Gráfico 9, que os valores mais elevados se encontram nas habilitações literárias superiores (82%). É de realçar a selecção desta razão por apenas 35% dos utentes até ao ciclo preparatório/instrução primária.

**Gráfico 9 - Razões da prática segundo as habilitações literárias**



Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

Em relação à razão “prazer”, verificamos que foi seleccionada por 80% dos utentes com curso superior. No que concerne à razão relaxar, são os utentes com curso superior a ter a maior percentagem (80%), enquanto os utentes com habilitações literárias até ao ciclo preparatório/instrução primária apresentam a menor percentagem (23%).

Quanto às principais razões que levam os utentes a praticar desporto, verificamos que as duas principais estão em concordância com as apresentadas por Marivoet (2001) no estudo, intitulado “Hábitos Desportivos da População Portuguesa”.

### 3.1.4. Regularidade, Intensidade e Período do Dia

Através da análise do Quadro VI, verificamos que em média, os utentes pertencentes à nossa amostra, afirmaram ir três vezes por semana ao Complexo de Piscinas Rui Abreu. Mais especificamente, verificámos que, em média, os utentes de ambos os sexos dirigem-se o mesmo número de vezes (3) por semana ao Complexo.

TOTAL N=150	3
TOTAL M N=73	3
TOTAL F N=77	3
Até 24 Anos N=83	4
25 – 44 Anos N=39	2
Mais de 45 Anos N=28	2,5
Até Ciclo preparatório /Instrução primária N=26	3
9º Ano (antigo 5º Ano Liceal) N=22	4
11º/12º Ano (antigo 7º Ano Liceal) N=47	3
Curso Superior N=55	2

Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

Relativamente à idade, podemos observar que são os utentes até aos 24 anos que, em média, vão mais vezes por semana ao Complexo (cerca de 4 vezes por semana). No entanto, os que se dirigem menos vezes ao Complexo são os utentes entre os 25 e os 44 anos (cerca de 2 vezes por semana) e não os utentes mais velhos como seria de esperar, tendo em conta a sua eventual maior disponibilidade em termos de tempo livre.

Verificámos também, que são os utentes com habilitações literárias mais baixas que apresentam uma maior regularidade, isto é, em média, dirigem-se entre 3 a 4 vezes por semana ao Complexo, respectivamente os utentes até ao ciclo preparatório/instrução primária, e com o 9º ano (antigo 5º ano liceal). Os utentes com um curso superior são aqueles que apresentam menor regularidade, apenas 2 vezes por semana.

Relativamente à intensidade da prática, podemos observar a partir do Quadro VII, que, independentemente do sexo, a maioria dos utentes pratica em média, 4H20m por semana de actividade físico-desportiva no Complexo. Os utentes que apresentam uma intensidade semanal mais elevada de prática desportiva no Complexo, são os masculinos (4H30), os mais jovens (6H00), e os mais velhos (3H15).

<b>Quadro VII – Índice de Intensidade</b>	
TOTAL N=150	4H20
TOTAL M N=73	4H30
TOTAL F N=77	4H15
Até 24 Anos N=83	6H
25 – 44 Anos N=39	2H50
Mais de 45 Anos N=28	3H15
Até Ciclo preparatório /Instrução primária N=26	4H20
9º Ano (antigo 5º Ano Liceal) N=22	5H40
11º/12º Ano (antigo 7º Ano Liceal) N=47	4H50
Curso Superior N=55	3H30

Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

Também a intensidade da prática é superior nos utentes com o 9º ano ou equivalente (5H40), sendo que o valor mais baixo se verifica nos utentes com curso superior (3H30).

Analisando o Quadro VIII, verificamos que o período do dia para a prática preferido para a maioria dos utentes é a noite (57%), seguido da tarde (24%), independentemente do sexo. Em relação à idade, continuamos a verificar que o período da noite é o mais preferido por todos os grupos etários, embora a tarde seja mais preferida para os mais jovens e mais velhos (ambos com 29%), e a manhã para 23% dos utentes entre os 25 e os 44 anos.

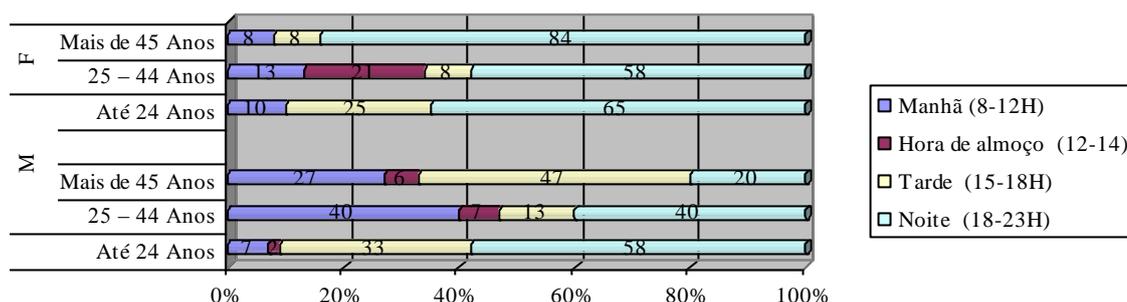
<b>Quadro VIII – Período do dia para a prática (%)</b>					
	Manhã (8-12H)	Hora de almoço (12-14)	Tarde (15-18H)	Noite (18-23H)	TOTAL
TOTAL N=150	14	5	24	57	100
TOTAL M N=73	18	3	32	47	100
TOTAL F N=77	10	7	17	66	100
Até 24 Anos N=83	8	1	29	62	100
25 – 44 Anos N=39	23	15	10	52	100
Mais de 45 Anos N=28	18	3	29	50	100

Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

Podemos ainda observar a partir do Gráfico 10, que a manhã e a noite são os períodos do dia preferidos pelos homens com idades compreendidas entre os 25 e os 44 anos (40%). A hora de almoço foi seleccionada por 21% das mulheres entre os 25 e os 44 anos (única selecção neste género).

Analisando o período da tarde, verificamos, que 47% dos utentes masculinos com mais de 45 anos apresentam maior prática desportiva neste período. Contrariamente, no sexo feminino, são as mais novas a ter maior prática desportiva neste período do dia (25%).

**Gráfico 10** - Período do dia para a prática segundo o sexo e a idade



Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

Em relação à noite, como período do dia para a prática, verificamos que a maioria dos utentes masculinos até aos 24 anos optam por este período do dia, enquanto que nos femininos esta preferência se verifica para todas as faixas etárias, em especial nas mulheres com mais de 45 anos, com 84% das escolhas a recaírem sobre a noite.

### 3.1.5. Prática Desportiva Fora do Complexo de Piscinas Rui Abreu e Intenção para a Prática

Através da análise do Quadro IX, verificamos que apenas 40% da nossa amostra afirmou ter uma prática desportiva fora do Complexo de Piscinas Rui Abreu. Verificamos também, que os utentes masculinos apresentam uma maior taxa percentual de prática fora do Complexo (47%), do que as utentes femininas (34%).

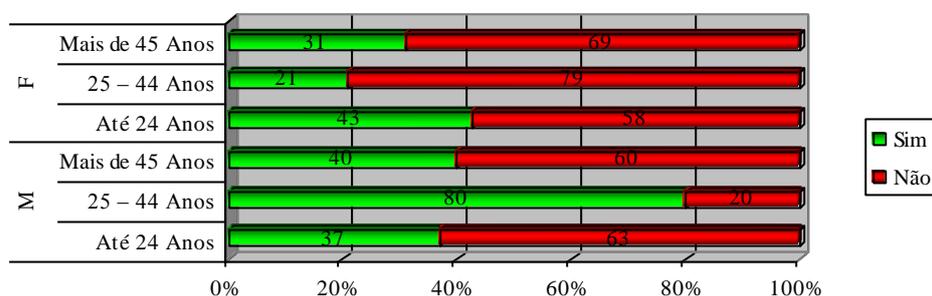
<b>Quadro IX – Participação fora do Complexo</b>	
	Sim (%)
TOTAL N=150	40
TOTAL M N=73	47
TOTAL F N=77	34
Até 24 Anos N=83	40
25 – 44 Anos N=39	44
Mais de 45 Anos N=28	36

Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

No que respeita à idade, os valores para todas as idades são semelhante, no entanto, verificamos que são os utentes entre os 25 e os 44 anos que mais afirmam praticar outra actividade física fora do Complexo.

Comparando o sexo com a idade, podemos observar, a partir do Gráfico 11, que são os utentes masculinos de meia-idade (25 aos 44 anos) que obtiveram maior percentagem de respostas afirmativas à prática desportiva fora do CPRA (80%), enquanto que no sexo feminino são as utentes mais jovens (até aos 24 anos) que apresentam a menor proporção (43%).

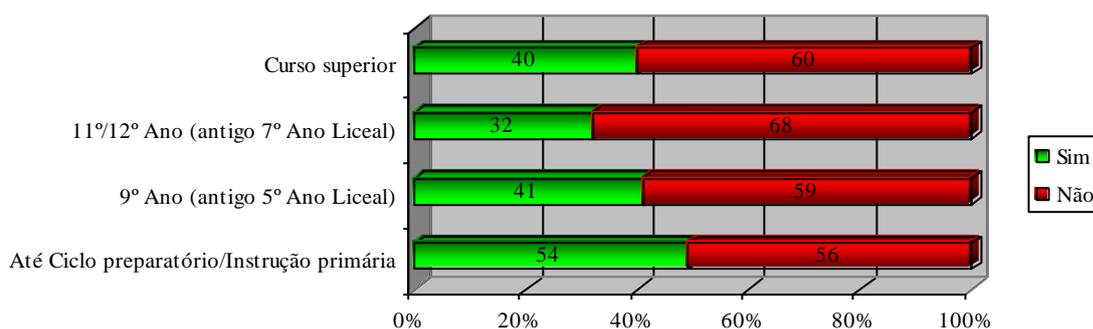
**Gráfico 11 - Prática desportiva fora do Complexo segundo a idade e o sexo**



Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

Como se pode ver no Gráfico 12, são os utentes até ao ciclo preparatório/instrução que proporcionalmente praticam mais fora do Complexo (54%)<sup>3</sup>.

**Gráfico 12 - Prática desportiva fora do Complexo segundo as habilitações literárias**



Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

<sup>3</sup> Tal facto fica-se a dever a um grande número de jovens que ainda se encontram neste ciclo de estudos.

### 3.1.6. Procura no Complexo

#### Modalidades Pretendidas

Através da análise do Quadro X, podemos verificar que, independentemente do sexo, da idade e das habilitações literárias, 36% dos utentes inquiridos, que afirmaram querer praticar outra modalidade, decidiram-se pela musculação; 32% preferiam o pólo-aquático, e 28% a hidroginástica. É de referir que o Complexo de Piscinas Rui Abreu não possui um espaço para a prática de musculação e saltos. Os dados vêm assim confirmar a hipótese em discussão quando afirmávamos que o aumento das condições e diversidade da oferta reforçavam os hábitos desportivos dos utentes do Complexo.

A maioria dos utentes masculinos prefere a musculação (54%), seguindo-se o pólo-aquático (33%), enquanto que as utentes femininas preferem a hidroginástica (48%), sendo a segunda escolha a mesma que a do sexo masculino (30%).

Em relação à idade, verificamos que os utentes mais jovens preferem o pólo-aquático (46%), enquanto que os mais velhos se dividem pela hidroginástica (50%) e musculação (50%)

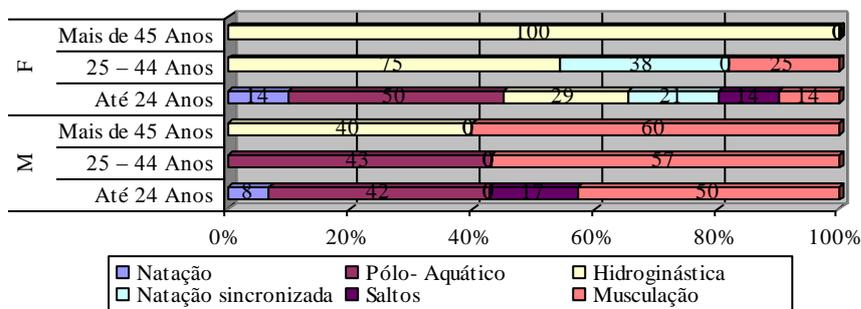
<b>Quadro X – Modalidades pretendidas</b>							
	Natação	Pólo-Aquático	Hidroginástica	Natação sincronizada	Saltos	Musculação	TOTAL
TOTAL N=47	6	32	28	13	9	36	124
TOTAL M N=24	4	33	8	-	8	54	107
TOTAL F N=23	9	30	48	26	9	17	
Até 24 Anos N=26	12	46	15	12	15	30	130
25 – 44 Anos N=15	-	20	40	20	-	40	120
Mais de 45 Anos N=6	-	-	50	-	-	50	100

Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

Podemos observar no Gráfico 13, que, em relação aos homens até 44 anos, a maioria prefere como primeira modalidade a musculação, no entanto a diferença percentual não é muito significativa para o pólo-aquático. Verificamos ainda, que os homens com mais de 45 anos também preferem a musculação. Já as mulheres com

idades até 24 anos preferem como primeira modalidade o pólo-aquático (50%), seguida da hidroginástica (29%).

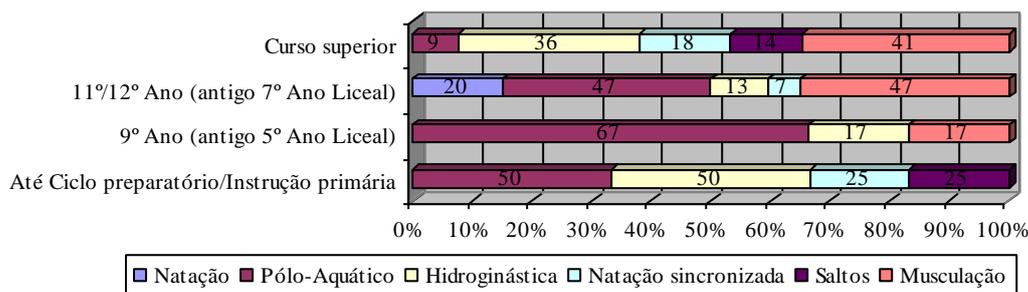
**Gráfico 13 - Modalidades pretendidas segundo o sexo e a idade**



Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

Como se pode ver no Gráfico 14, o pólo-aquático é essencialmente escolhido pelos utentes com o 9º ano de escolaridade (67%) seguido dos do 11º/12º (47%). A musculação é proporcionalmente mais escolhida pelos utentes com o 11º/12º ano ou similar (também com 47%) seguido dos com curso superior (41%). A natação foi unicamente escolhida por 20% dos utentes com 11º/12º anos de escolaridade.

**Gráfico 14 - Modalidades pretendidas segundo as habilitações literárias**



Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

### Regularidade

Analisando o Quadro XI, verificamos a disponibilidade dos utentes, independentemente do sexo, para a prática das modalidades pretendidas é maioritariamente de duas ou mais vezes por semana (64%).

<b>Quadro XI – Intenção na regularidade da prática (%)</b>			
	Masculino	Feminino	TOTAL
Ocasional	13	13	13
Uma vez por semana	20	26	23
Duas ou mais vezes por semana	67	61	64
TOTAL	100	100	100
	N=24	N=23	N=47

Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

### Intensidade

Em relação à intenção de intensidade da prática, através da análise do Quadro XII, e independentemente do sexo, verificamos que 53% dos utentes afirmou ter intenção de praticar estas modalidades entre 3 a 4 horas por semana. Mais especificamente, verificamos que 17% dos utentes masculinos afirmaram ter uma intenção de prática de 5 a 6 horas por semana, enquanto que nenhuma utente feminina demonstrou esta intenção.

<b>Quadro XII – Intenção na intensidade da prática (%)</b>			
	Masculino	Feminino	TOTAL
1-2 horas	33	44	38
3-4 horas	50	56	53
5-6 horas	17	-	9
TOTAL	100	100	100
	N=24	N=23	N=47

Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

### Período do Dia

No que respeita à preferência do período do dia para a prática desportiva, podemos observar no Quadro XIII que, independentemente do sexo, 53% dos utentes

prefere a noite, seguido da tarde (28%), da manhã (11%), e por último a hora de almoço (8%).

<b>Quadro XIII – Preferência no período do dia</b>			
	Masculino (%)	Feminino (%)	TOTAL (%)
Manhã (8-12h)	8	13	11
Hora do almoço (12-14h)	4	13	8
Tarde (15-18h)	34	22	28
Noite (18-23)	54	52	53
TOTAL	100	100	100
	N=24	N=23	N=47

Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

### 3.1.7. Apontamento Conclusivo

Como vimos, os dados obtidos, vão ao encontro da nossa primeira hipótese, que sugeria que, aumentando as condições ou diversidade da oferta desportiva, seriam reforçados os hábitos desportivos dos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu, independentemente da idade, sexo e habilitações literárias. Constatámos que a musculação, o pólo-aquático e a hidroginástica são as modalidades mais desejadas. No entanto, destas modalidades, a musculação é a única não praticável no Complexo.

Tendo em conta os dados apresentados anteriormente, concluímos que a principal razão para a prática desportiva no Complexo é a proximidade da área de residência.

A modalidade mais praticada pela nossa amostra no Complexo é a natação, no entanto, a maioria das mulheres com mais de 45 anos praticam hidroginástica.

O principal âmbito da prática dos utentes, revelou ser o de lazer/regime livre. No entanto, para os utentes mais jovens o âmbito federado/competição surge como o principal. Estes dados estão de acordo com os apresentados por Marivoet (2001) no estudo sobre os “Hábitos Desportivos da População Portuguesa”.

Quanto às principais razões que levam os utentes a praticar exercício, surge em primeiro lugar a saúde/condição física, em segundo o prazer, e a terceira razão prende-se com o relaxar. Também neste aspecto, a principal razão apontada pelos

utentes da nossa amostra, se encontra em concordância com o estudo sobre os “Hábitos Desportivos da População Portuguesa” (Marivoet, 2001).

Da análise da regularidade (média do número de vezes por semana de prática desportiva), podemos concluir que a nossa amostra se dirige cerca de três vezes por semana ao Complexo. Segundo a idade, são os mais jovens que apresentam uma maior regularidade, enquanto que, segundo as habilitações literárias são os utentes com menores habilitações.

Cada utente pratica por semana uma média de 4H20 (intensidade), índice semelhante às 4H55 apresentado por Marivoet (2001) no estudo sobre os “Hábitos Desportivos da População Portuguesa”. Face à idade e às habilitações literárias, são os utentes mais jovens, e os utentes com o 9º ano que apresentam um maior índice de intensidade.

Relativamente ao período o dia para a prática, concluímos que a noite é o preferido pela maioria da nossa amostra.

No que diz respeito à participação desportiva fora do Complexo, são os homens dos 25 aos 44 anos que mais praticam outra actividade físico-desportiva fora deste.

Em relação aos utentes que pretendem iniciar outra modalidade no Complexo, conclui-se que, a modalidade mais pretendida pelos utentes masculinos é a musculação, enquanto que a totalidade das utentes com mais de 45 anos preferem a hidroginástica. O pólo-aquático surge como modalidade mais pretendida pelos utentes com habilitações literárias mais baixas. Para a prática destas modalidades, a maioria da nossa amostra afirmou disponibilizar dois ou mais dias por semana durante o período da noite.

## 3.2. Grau de Satisfação dos Utentes

A satisfação dos utentes relativamente aos serviços prestados é factor crucial para a sua manutenção, assim, considerámos como segunda hipótese, que a maioria dos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu se encontraria satisfeita com a qualidade dos serviços, das instalações e equipamentos, mas não com os horários disponíveis e o custo da prática desportiva, em especial os mais velhos, as mulheres e os utentes com menores habilitações literárias.

### 3.2.1. Satisfação dos Utentes

#### Qualidade das Instalações e Serviços

Procurando conhecer o grau de satisfação dos utentes relativamente à qualidade das instalações e dos serviços da Piscina, podemos concluir que os utentes estão na generalidade satisfeitos (S) com o CPRA, pois 53% das respostas apontam nesse sentido, sendo ainda reforçado com os 35% de respostas relativamente à categoria de “Muito Satisfeito” (Cf. Quadro 10 no anexo III). Da leitura dos Quadros XIV e XV, verificamos que em relação à Piscina, 51% dos utentes se encontram muito satisfeitos (MS), no entanto, a maioria dos utentes masculinos encontra-se apenas satisfeitos (49%). São os utentes do sexo masculino e da maior faixa etária com mais de 45 anos que se encontram mais satisfeitos com a Piscina, sendo 67% das suas respostas relativas à categoria de “Satisfeito”. Já no sexo feminino, se verificou o contrário, isto é, 63% das respostas relativas à categoria de “Muito Satisfeito” foram dadas pelas mulheres mais jovens (até 24 anos). Verificamos ainda, que proporcionalmente os licenciados são os que se encontram mais satisfeitos com a piscina, com 64% de respostas relativas à categoria de “Muito Satisfeito”.

Relativamente aos Balneários, 49% dos utentes encontram-se satisfeitos, independentemente do sexo. Também é de notar, que para todas as faixas etárias em ambos os sexos, mais de 50% das respostas dos utentes recaíram sobre o “Satisfeito” e o “Muito Satisfeito”. São os utentes com curso superior que apresentam maior percentagem de repostas relativas à categoria de “Satisfeito” (56%).

<b>Quadro XIV – Satisfação em relação à qualidade das instalações e serviços (moda e percentual)</b>				
		PISCINA	BALNEÁRIOS	BANCADAS
TOTAL N=150		MS 51%	S 49%	S 57%
TOTAL M N=73		S 49%	S 49%	S 56%
TOTAL F N=77		MS 55%	S 49%	S 58%
M	Até 24 Anos N=43	MS/S 49%	S 51%	S 58%
	25 – 44 Anos N=15	MS 60%	MS 53%	S 53%
	Mais de 45 Anos N=15	S 67%	S 67%	S 53%
F	Até 24 Anos N=40	MS 63%	MS 58%	S 50%
	25 – 44 Anos N=24	S 54%	S 67%	S 63%
	Mais de 45 Anos N=13	S 54%	S 69%	S 77%
Até	Ciclo			
	preparatório/Instrução			
	primária	S 62%	MS/S 42%	S 46%
	N=26			
	9º Ano (antigo 5º Ano			
	Liceal)	MS 59%	S 55%	S 50%
	N=22			
	11º/12º Ano (antigo 7º			
	Ano Liceal)	S 55%	S 43%	S 62%
	N=47			
	Curso Superior			
	N=55	MS 64%	S 56%	S 62%

Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

Em relação às bancadas, a maioria dos utentes encontra-se satisfeito (57%), independentemente do sexo. No entanto é nos utentes com mais de 45 anos que se encontra o valor mais proeminente (77%). Também são os utentes com o 11º/12º ano (antigo 7º ano liceal), que tal como os utentes com curso superior, detêm a maior percentagem de respostas relativas à categoria “Satisfeito” (62%).

No que respeita à Iluminação e ao Estacionamento, a maioria dos utentes encontra-se satisfeito, com respectivamente 53% e 49%. Já em relação à idade e ao sexo, a maioria dos utentes encontra-se muito satisfeito e satisfeito, no entanto encontramos um valor de contraste nas mulheres com mais de 45 anos, onde 38% das respostas recaíram igualmente sobre a categoria de “Pouco Satisfeito” (PS) com o Estacionamento.

Relativamente às habilitações literárias as respostas dos utentes variam entre as categorias “Muito Satisfeito” e “Satisfeito”. É de salientar que os utentes com o 9º

ano (antigo 5º ano liceal) foram os únicos a ter a moda de “Muito Satisfeito” em relação à iluminação (55%).

**Quadro XV** – Satisfação em relação à qualidade das instalações e serviços (moda e percentual)

	ILUMINAÇÃO	ESTACIONAMENTO	ATENDIMENTO	LIMPEZA
TOTAL N=150	S 53%	S 49%	S 60%	S 56%
TOTAL M N=73	S 49%	S 49%	S 63%	S 64%
TOTAL F N=77	S 57%	S 49%	S 57%	MS 51%
M Até 24 Anos N=43	S 49%	S 51%	S 60%	S 60%
M 25 – 44 Anos N=15	MS 53%	MS 40%	S 60%	S 67%
M Mais de 45 Anos N=15	S 53%	S 60%	S 73%	S 73%
F Até 24 Anos N=40	S 50%	S 55%	S 53%	MS 68%
F 25 – 44 Anos N=24	S 63%	S 50%	S 67%	S 71%
F Mais de 45 Anos N=13	S 69%	PS 38%	S 54%	S 54%
Até Ciclo preparatório/ Instrução primária N=26	S 58%	S 42%	S 46%	S 50%
9º Ano (antigo 5º Ano Liceal) N=22	MS 55%	S 55%	S 77%	MS 55%
11º/12º Ano (antigo 7º Ano Liceal) N=47	S 60%	S 55%	S 57%	S 62%
Curso Superior N=55	S 51%	S 45%	S 62%	S 58%

Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

No que concerne ao Atendimento e Limpeza, a maioria das respostas dos utentes direccionam-se para a categoria de “Satisfeito”, com respectivamente 60% e 56%. Considerando o sexo e a idade, verificámos que os valores mais significativos são os 73%, quer em relação ao Atendimento quer à Limpeza, nas respostas relativas à categoria de “Satisfeito” dadas pelos homens com mais de 45 anos. Respeitante às habilitações literárias e em relação ao atendimento, verificamos que 77% das respostas dadas pelos utentes com o 9º Ano se englobam na categoria “Satisfeito”; enquanto que em relação à Limpeza os valores são muito semelhantes, todos superiores a 50% englobando as categorias “Muito Satisfeito” e “Satisfeito”.

Os resultados obtidos confirmam em parte a nossa hipótese, pois a maioria dos utentes encontram-se satisfeitos com a qualidade das instalações e serviços do

CPRA. No entanto, para que a nossa segunda Hipótese seja plenamente comprovada, falta analisar a satisfação dos utentes com os professores, preços e horários. Assim, da análise do Quadro XVI, facilmente verificamos que a quase totalidade dos utentes se encontram satisfeitos com os professores (97%), bem como com os horários independentemente do sexo, da idade e das habilitações literárias (88%). Os dados vêm contrariar a nossa hipótese, quando considerámos que os utentes, não estariam satisfeitos com os horários praticados, embora se tenha confirmado a insatisfação face aos custos, tal como tínhamos inicialmente previsto. No entanto, em relação aos custos para a prática, quer para os clubes quer para o regime livre, apenas respectivamente 47% e 49% respectivamente afirmaram encontrar-se satisfeitos.

<b>Quadro XVI – Satisfação com os professores/preços/horários (%)</b>				
	Professores	Custo/Clube	Custo/Regime livre	Horário
TOTAL N=150	97	47	49	88
TOTAL M N=73	97	52	43	88
TOTAL F N=77	96	44	56	88
Até 24 Anos	98	47	56	94
25 – 44 Anos	97	50	52	74
Mais de 45 Anos	93	50	35	89
M Até 24 Anos	98	52	50	95
M 25 – 44 Anos	100	67	58	73
M Mais de 45 Anos	93	-	21	80
F Até 24 Anos	98	41	64	93
F 25 – 44 Anos	96	43	47	75
F Mais de 45 Anos	92	57	67	100
Ciclo preparatório/Instrução primária	96	52	40	100
9º Ano (antigo 5º Ano Liceal)	100	67	80	86
11º/12º Ano (antigo 7º Ano Liceal)	98	32	47	89
Curso Superior	96	53	43	82

Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

No que respeita aos professores, os dados apresentados são muito claros, isto é, independentemente do sexo idade e habilitações literárias, a percentagem de respostas positivas é sempre superior a 90%, o que demonstra o elevado grau de satisfação para com estes.

Relativamente aos custos da prática comparativamente com o sexo, verificamos que para o sexo masculino, 52% dos utentes através de clubes encontram-se satisfeitos, enquanto que apenas 43% dos utentes através do regime livre apresentam o mesmo grau de satisfação. Para o sexo feminino verifica-se o

oposto, isto é, apenas 44% dos utentes através dos clubes se encontram satisfeitos, enquanto que 56% dos utentes através do regime livre partilham a mesma satisfação. Em relação aos grupos etários e aos utentes através de clubes, verificamos que os mais satisfeitos são os homens entre os 25 e os 44 anos (67% e 58% para o custo no clube e regime livre) e as mulheres com mais de 45 anos (57% e 67% para o custo no clube e regime livre). Os dados vão assim contrariar a nossa hipótese, quando considerámos que eram as mulheres as mais insatisfeitas com os custos de prática. Na realidade, apenas as mulheres praticantes no clube, manifestaram encontrar-se maioritariamente insatisfeitas, assim como os homens praticantes e regime livre.

Comparativamente aos utentes através do regime livre verificamos que, são os mais velhos que se encontram mais insatisfeitos, pois apenas 35% dos utentes com mais de 45 anos afirmou estar satisfeito com os preços para o regime livre, o que vem ao encontro da nossa hipótese quando sugerimos que os mais velhos estariam mais insatisfeitos com os custos da prática.

No que concerne às habilitações literárias, verificamos que são os utentes que possuem o 9º ano a apresentarem as percentagens de satisfação com os preços praticados nos clubes e no regime livre mais elevadas, com respectivamente 67% e 80%<sup>4</sup>. Os utentes que se encontram mais insatisfeitos são os que têm o 11º/12º, com apenas 32% de satisfação pelos preços praticados nos clubes, e os que têm curso superior com 43% de satisfação com os preços praticados no regime livre, o que vai contrariar a nossa hipótese quando sugerimos que seriam os utentes com menores habilitações literárias a manifestarem-se mais insatisfeitos com o custo da prática.

### Motivos da Insatisfação com os Professores e com os Preços

Tendo em conta que apenas uma ínfima parte, dos utentes se mostraram insatisfeitos com os professores, não deixa de ser importante averiguar quais as razões do seu desagrado (3,3%) (Cf. Quadro 14 no Anexo III). Assim, analisando o Quadro XVII, verificamos que metade dos utentes masculinos não gostam da maneira como são tratados, e os restantes afirmam que o professor puxa pouco pelos

---

<sup>4</sup>Pensamos que tal facto se encontra explicado tendo em conta que nestas idades, as pessoas não têm bem a noção do custo e muitas vezes não são os próprios a pagar, mas sim os familiares.

alunos; esta razão é também apresentada como motivo de insatisfação pelas utentes femininas.

<b>Quadro XVII – Motivos da não satisfação com os professores (%)</b>			
	Masculino	Feminino	TOTAL
Trato com os praticantes	50	-	20
Puxa pouco (Intensidade)	50	100	80
	100	100	100
TOTAL	N=2	N=3	N=5

Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

Em relação aos preços praticados, vimos anteriormente que a maioria dos utentes se encontravam insatisfeitos. Ao analisarmos o Quadro XVIII, podemos verificar que, para 66% dos utentes, os preços são considerados elevados, 24% consideram-nos muito elevados, e apenas 10% os consideram excessivamente elevados.

Verificamos também que as diferenças entre os utentes masculinos e femininos não são muito significativas, apenas em relação ao motivo “excessivamente elevados” apresentam uma diferença de 10%, onde o valor mais alto corresponde ao sexo masculino com 15%.

<b>Quadro XVIII – Motivos da insatisfação com os preços (%)</b>			
	Masculino	Feminino	TOTAL
Excessivamente elevados	15	5	10
Muito elevados	21	26	24
Elevados	64	69	66
	100	100	100
TOTAL	N=39	N=38	N=77

Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

### 3.2.2. Apontamento Conclusivo

Como segunda hipótese, considerámos que a maioria dos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu se encontraria satisfeita com a qualidade dos serviços, das instalações e equipamentos, mas não com os horários disponíveis e o custo da prática desportiva, em especial os mais velhos, as mulheres e os utentes com menores habilitações literárias. De acordo com os dados obtidos, comprovamos

quase na totalidade a nossa hipótese, dado que a maioria dos utentes do CPRA se encontram satisfeitos com a qualidade dos serviços, das instalações e equipamentos.

No que respeita à satisfação com os horários, os dados contrariam o pressuposto da nossa hipótese, pois a maioria dos utentes encontra-se satisfeita. Quanto ao custo da prática desportiva, de facto, tal como tínhamos pressuposto, a maioria dos utentes não se encontra satisfeita. Se por um lado são os mais velhos que manifestaram mais insatisfação tal como tínhamos considerado, tal facto não se verificou para as mulheres e para os utentes com menores habilitações literárias. Estes resultados estão de acordo com o estudo realizado por Marivoet (2001) sobre os “Hábitos Desportivos da População Portuguesa”, no qual conclui que os utentes das infra-estruturas desportivas se encontram, na sua maioria, satisfeitos com o desempenho dos profissionais, assim como as próprias instalações.

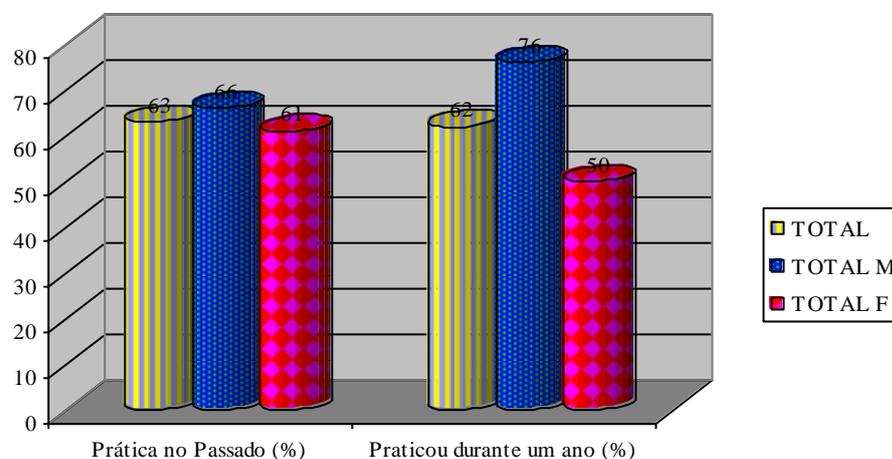
### 3.3. Percurso Desportivo

Face à problemática por nós definida, considerámos como hipótese de estudo que junto dos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu, não existiriam hábitos desportivos no passado, em especial nos mais velhos, nas mulheres, e nos utentes com menores habilitações literárias.

#### 3.3.1. Prática Desportiva Antes da Abertura do Complexo

Da leitura do Gráfico 15, podemos concluir que a amostra em análise apresenta hábitos desportivos no passado, pois, 63% dos utentes afirmam ter praticado desporto antes da abertura do Complexo de Piscinas Rui Abreu. No entanto, dos restantes 37% dos utentes que afirmaram não praticar desporto antes da sua abertura, 62% afirmaram já ter praticado desporto durante pelo menos um ano (Cf. Quadro 3 no Anexo III).

**Gráfico 15** - Prática desportiva antes da abertura do Complexo



Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

Os dados vêm assim contrariar a nossa hipótese, na medida em que apenas 14% dos utentes do CPRA não tinha hábitos desportivos antes da abertura do mesmo, e por isso, não se verifica que a maioria dos utentes não tinha hábitos desportivos no passado, mas sim justamente o contrário. No entanto, verificamos que são os utentes masculinos que possuem mais hábitos desportivos no passado, tal como tínhamos pressuposto na nossa hipótese.

Relacionando a prática passada com a idade, podemos observar a no Quadro XIX que são os utentes com mais de 45 anos que apresentam hábitos desportivos menores, isto é, apenas 43% dos utentes desta faixa etária, praticava desporto antes da abertura do Complexo, facto que vai também ao encontro da nossa hipótese. No entanto, dos restantes que não praticavam antes da abertura do Complexo, apenas 31% afirmou já ter praticado durante um ano. Estes valores percentuais são muito inferiores aos apresentados nos restantes escalões etários.

<b>Quadro XIX – Hábitos desportivos no passado segundo a idade (%)</b>		
	Participação no Passado N=95	Praticou durante um ano N=34
Até 24 Anos	71	75
25 – 44 Anos	62	73
Mais de 45 Anos	43	31

Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

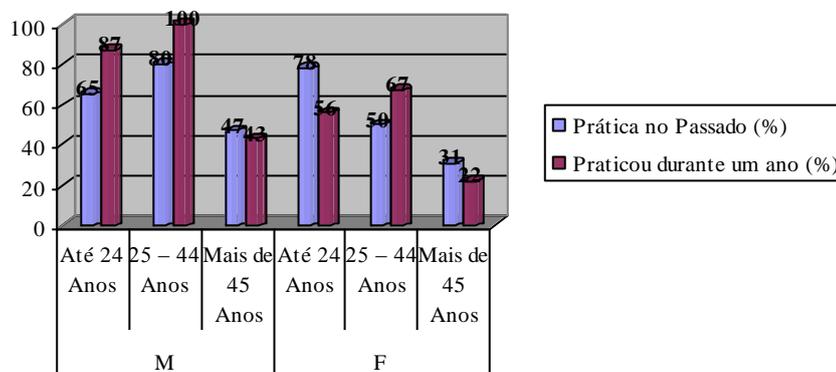
Analisando no Gráfico 16, os hábitos desportivos no passado segundo as variáveis Idade e Género, verifica-se que a menor percentagem de utentes com hábitos desportivos no passado se encontra, no escalão etário mais elevado, em ambos os sexos (mais de 45 anos), respectivamente 47% no masculino, e 31% no feminino. O mesmo se verificou em relação aos utentes dos mesmos escalões etários referidos anteriormente, que não praticavam antes da abertura do Complexo de Piscinas Rui Abreu, mas que já praticaram durante pelo menos um ano.

Na variável idade, a percentagem de mulheres que praticava antes da abertura do Complexo de Piscinas Rui Abreu, é sempre inferior à percentagem dos homens, à excepção do primeiro escalão etário, o que vem confirmar a nossa hipótese. De facto, dos utentes que afirmaram nunca ter praticado nenhuma actividade desportiva, 71% são do sexo feminino e apenas 29% do sexo masculino (Cf Quadro 1 no anexo III). Verificámos ainda que os homens do escalão etário dos 25 aos 44 anos já todos tinham praticado alguma actividade desportiva, dos quais 80% referem ter uma prática activa antes da abertura do Complexo de Piscinas Rui Abreu, e os restantes 20% afirmaram já ter praticado alguma actividade desportiva durante pelo menos um ano.

Os resultados obtidos apontam claramente para conclusões obtidas em estudos anteriormente realizados, e parecem confirmar parte da nossa hipótese, que sugere não existirem hábitos desportivos no passado, sobretudo nos mais velhos e

nas mulheres da população em estudo, embora os utentes da nossa amostra, na sua maioria tenham revelado ter hábitos desportivos no passado, o que por sua vez a vem contrariar em parte.

**Gráfico 16** - Prática desportiva antes da abertura do Complexo segundo o sexo e a idade



Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

Contudo, para que a nossa hipótese em discussão seja comprovada na totalidade, faltará analisar os hábitos desportivos no passado segundo as habilitações literárias. Assim, da análise do Quadro XX, não conseguimos tirar conclusões significativas, que comprovem esta parte da nossa hipótese, pois a percentagem mais elevada dos hábitos desportivos no passado corresponde aos indivíduos com habilitações literárias até ao ciclo preparatório/instrução primária, com 81% a praticarem antes da abertura do Complexo de Piscinas Rui Abreu e, dos restantes. Também verificámos, que apenas 53% dos utentes com curso superior praticava actividade física antes da abertura do Complexo, sendo este o valor mais baixo.

Em relação aos utentes que não praticavam antes da abertura do Complexo, verificamos, que apenas 20% dos que possuem o ciclo preparatório/instrução primária praticou uma actividade físico-desportiva durante um ano; valor que contrasta com os restantes, que são todos superiores a 60%.

<b>Quadro XX – Hábitos desportivos no passado segundo as habilitações literárias (%)</b>		
	Participação no Passado N=95	Praticou durante um ano N=34
Até Ciclo preparatório/Instrução primária	81	20
9º Ano (antigo 5º Ano Liceal)	64	63
11º/12º Ano (antigo 7º Ano Liceal)	66	63
Curso Superior	53	69

Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

Estes resultados vão divergir um pouco do estudo sobre os Hábitos Desportivos da População Portuguesa, no qual se conclui que estes se encontram directamente proporcionais ao tempo de permanência na escola, isto é, quanto mais elevado é o nível de escolaridade maior era a participação desportiva (Marivoet, 2001).

Concluindo, e tendo em conta estudos anteriormente realizados, os resultados obtidos permitem-nos comprovar parcialmente a nossa hipótese, que sugere que junto da população em estudo não existiriam hábitos desportivos no passado, sobretudo na população feminina e nas gerações mais velhas.

### Razões da Não Prática Desportiva

Tendo em conta que 14% dos utentes, referem nunca ter praticado nenhuma actividade desportiva, dos quais 71% do sexo feminino e 29% do sexo masculino (Cf. Quadro 3 no Anexo III), procurámos então saber quais os motivos inerentes a tal facto. Da análise do Quadro XXI, verificámos que a falta de instalações é apontada por 52% dos que nunca praticaram desporto, apontando como segundo motivo a falta de tempo (38,1%).

<b>Quadro XXI – Motivo da não prática (%)</b>			
	Masculino	Feminino	TOTAL
Por nunca ter aprendido	17	-	5
Por pensar que não gostava	-	-	-
Por ter vergonha	-	-	-
Problemas de saúde	-	-	-
Por falta de instalações e equipamento perto da residência	33	60	52
Por não ter transporte	-	13	10
Problemas financeiros	17	-	5
Por falta de tempo	33	40	38
	100	113	110
TOTAL	N=6	N=15	N=21

Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

No que respeita a falta de instalações e equipamentos perto da residência, será de realçar a diferença percentual entre o sexo masculino e feminino, ao motivo mais

apontado para a não prática desportiva (27%). De destacar ainda, que o terceiro e quarto motivos apontados para a não prática desportiva, se prendem com problemas financeiros (17%) e por nunca terem aprendido no sexo masculino (17%), e por não terem transporte no sexo feminino (13%).

### 3.3.2 Caracterização da Prática Desportiva no Passado

Dos utentes que já praticaram alguma actividade desportiva no passado, ou seja 86%, verificamos ao analisarmos o Quadro XXII, que a Natação já foi a modalidade mais praticada pelos utentes de ambos os sexos (42% para o masculino e 52% para o feminino), sendo o Futebol a segunda modalidade mais praticada pelos utentes masculinos (25%), e a Aeróbica pelos femininos (13%).

	Masculino	Feminino	TOTAL
Aeróbica	-	13	6
Futebol	25	7	16
Ginástica	2	13	7
Musculação	19	10	15
Natação	42	52	47
Pólo-Aquático	9	2	5
Voleibol	8	2	5
Outras modalidades <sup>5</sup>	58	38	50
	163	137	151
TOTAL	N=67	N=62	N=129

Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

Da análise do Quadro XXIII, verificamos que as modalidades desportivas praticadas no passado foram maioritariamente no âmbito do desporto de lazer (51%). No entanto, é de frisar a elevada percentagem, atribuída ao desporto federado/competição (37%), que apenas é assim porque em Coimbra ainda não estão

<sup>5</sup> Outras modalidades – Aikido, Andebol, Atletismo, Basquetebol, Bodypump, BTT, Canoagem, Ciclismo, Corrida, Futsal, Golf, Hidroginástica, Judo, Ju-Jitsu, Karaté, Kendo, Kickboxing, Patinagem, Rugby, Ténis, Ténis-de-mesa, Triatlo, Yoga

prontas as restantes piscinas onde os clubes possam treinar, pois muitos dos utentes pertencem ao regime de Competição (Cf. Quadro 7 no Anexo III).

**Quadro XXIII – Âmbito da prática no passado**

	Masculino (%)	Feminino (%)	TOTAL (%)
Desporto federado/competição	43	31	37
Desporto escolar	16	21	19
Desporto na instituição militar	3	-	2
Desporto no INATEL/Clube de empresa	5	-	2
Desporto de lazer	46	57	51
Desporto no clube	20	10	12
	133	119	123
TOTAL	N=67	N=62	N=129

Fonte: Inquérito sociográfico aos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu

Também estes resultados são idênticos aos obtidos por Marivoet (2001) no seu estudo sobre os Hábitos Desportivos da População Portuguesa.

### 3.3.3. Apontamento Conclusivo

Na nossa terceira hipótese tínhamos considerado que, junto dos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu, não existiriam hábitos desportivos no passado, em especial nos mais velhos, nas mulheres e nos utentes com menores habilitações literárias. Resultante da análise dos dados, comprovámos parcialmente a nossa hipótese, pois a maioria das utentes femininas com mais de 45 anos não apresentam hábitos desportivos passados.

Comparando os hábitos desportivos praticados no passado com a idade, concluímos que são os utentes mais velhos a apresentarem uma menor prática desportiva passada.

Analisados os motivos para a não prática desportiva, concluímos que o principal deve-se à falta de instalações e equipamentos desportivos perto da residência, seguido da falta de tempo. Este segundo motivo é apresentado como principal no estudo realizado por Marivoet (2001) sobre os “Hábitos Desportivos da População Portuguesa”.

Relativamente às modalidades praticadas no passado, verificámos que a natação é a modalidade mais praticada por ambos os sexos, seguida do futebol e musculação para os utentes masculinos, e da ginástica e aeróbica para as utentes femininas. Comparando estes resultados com os obtidos por Marivoet (2001) no estudo dos “Hábitos Desportivos da População Portuguesa”, verificamos que, no caso dos utentes masculinos, o futebol e a natação são comuns nas três principais modalidades, enquanto que para o sexo feminino, as três modalidades principais são comuns e encontram-se pela mesma ordem de importância.

Quanto ao âmbito da prática no passado, constatámos que o desporto de lazer era o principal, seguido do desporto federado/competição.

## CONCLUSÕES

Saber se a abertura de uma nova infra-estrutura desportiva altera os hábitos desportivos da população local, constitui a interrogação que suscitou todo o desenvolvimento do presente estudo.

Com base nos contributos dos autores referidos no Capítulo I, construímos a problemática e identificámos o nosso objecto de estudo, a saber, se, a abertura de uma nova infra-estrutura desportiva que fosse ao encontro das necessidades, interesses e motivações, nomeadamente, a diversidade de actividades, a flexibilidade de horários, a qualidade dos serviços e a acessibilidade em termos de custo da prática, poderia fomentar os hábitos desportivos da população envolvente. Para o estudo deste objecto, levantamos três hipóteses de trabalho, nomeadamente, se aumentando as condições ou diversidade da oferta desportiva, seriam reforçados os hábitos desportivos dos utentes, independentemente da idade, sexo e habilitações literárias; se a maioria dos utentes se encontra-se satisfeita com a qualidade dos serviços, das instalações e equipamentos, mas não com os horários disponíveis e o custo da prática desportiva, em especial os mais velhos, as mulheres e os utentes com menores habilitações literárias; e ainda se a maioria dos utentes não teriam hábitos desportivos antes da sua abertura, em especial os mais velhos, as mulheres, e os utentes com menores habilitações literárias.

De maneira a testar a validade das hipóteses apresentadas, seguimos os procedimentos metodológicos descritos no Capítulo II, tendo sido elaborado como instrumento de recolha de informação, um inquérito sociográfico por questionário aplicado durante o mês de Abril a uma amostra de 150 utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu, infra-estrutura que constitui o nosso universo de estudo.

Os dados obtidos através da aplicação do inquérito sociográfico, foram tratados estatisticamente, tendo-se para o efeito utilizado um software específico para o efeito, o programa SPSS 13.0 for Windows versão Copyright © 2004 SPSS, Inc.

Através da análise dos resultados (v. Capítulo III) concluímos que o reforço dos hábitos desportivos dos utentes é directamente proporcional ao aumento das condições ou diversidade da oferta desportiva. A qualidade dos serviços, das instalações e equipamentos são do agrado da maioria dos utentes, em especial os mais velhos, as mulheres, e os utentes com menores habilitações literárias. No

entanto, é de realçar o descontentamento notório de cerca de metade da nossa amostra, no que se refere aos preços praticados no Complexo de Piscinas Rui Abreu.

O estudo conclui ainda que a maior parte dos utentes do Complexo de Piscinas Rui Abreu possuíam hábitos desportivos antes da sua abertura. No entanto, tal não se verificou no caso das utentes mais velhas, que apenas iniciaram a sua actividade físico-desportiva, aquando da abertura do Complexo.

As hipóteses de trabalho definidas, foram assim confirmadas parcialmente, pois, a grande maioria da nossa amostra possuía hábitos desportivos antes da abertura do Complexo, e encontra-se bastante satisfeita com os horários praticados neste, o que contraria as expectativas iniciais. Na realidade, a abertura de uma infra-estrutura desportiva altera os hábitos desportivos da população envolvente, na sua maioria naqueles que já são portadores de uma cultura físico-desportiva, o que vai ao encontro da maioria das conclusões de diversos autores que realizaram estudos idênticos.

Como recomendações futuras em estudos desta área, sugerimos a utilização de um inquérito menos extenso do utilizado, dado terem recebido alguma relutância por parte dos utentes quanto ao seu preenchimento. Naturalmente que no presente estudo, dado se tratar de uma investigação académica, pretendíamos saber as determinações sociais dos comportamentos, o que implicou já por si um conjunto alargado de questões. Acresceu a este facto o interesse em saber sobre o grau de satisfação dos utentes face à oferta, que serviu de nosso universo de estudo, aspecto este que poderia ser estudado de forma autónoma.

Sugerimos também que em futuros estudos se alargue a amostra recolhida, de modo a diminuir a margem de erro, e assim se poder generalizar com mais segurança os resultados do estudo. Também seria interessante realizar uma análise comparativa entre todas as piscinas do Concelho, ou mesmo a todas as infra-estruturas desportivas, por forma a serem diversificadas as características das mesmas, bem como das localidades onde se encontram implantadas, dado estas variáveis poderem também trazerem conclusões importantes para o aprofundamento da problemática em análise.

---

## Bibliografia

- ☑ Almeida, P. (1986). Aspectos Sociológicos em Urbanística Desportiva. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura.
- ☑ Amado, L. (1991). “Desporto e Sociedade”, in *Revista Horizonte*. vol. VIII, n.º 45 (pp. 83-87).
- ☑ Amado, L. (1994). “Desporto, Desenvolvimento e Práticas Sociais”, in *Revista Horizonte*. vol. XI, n.º 64 (pp. 125-135).
- ☑ Bale, J. (2002). “Lassitude and Latitude: Observations on Sport and Environmental Determinism”, in *International Review for the Sociology of Sport*. vol. 37, n.º 2 (pp. 147-158).
- ☑ Bayeux, P. & Dupuis, J. (1995). *Equipements Sportifs: Coûts et Contrôle de Gestion*. França: Éditions CNFPT – Éditions Revue.
- ☑ Bento, J. (1990). “Socialização e desporto”, in *Revista Horizonte*. vol. VI, Maio-Junho 1990 (pp. 28-33).
- ☑ Branco, P. (1994). “O município e a prática desportiva de crianças e jovens”, in *Revista Horizonte*. vol. XI, n.º 62 (pp. 66-77).
- ☑ Calhoun, Donald W. (1987). *Sport, Culture, and Personality (2)*. Champaign, Illinois: Human Kinetics.
- ☑ Caramez, R. & Theodorakis, N. (2001). *Importância e Análise de Programas de Patrocínio Desportivo*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.
- ☑ Carvalho, A. (1994). *Desporto e Autarquias Locais*. Porto: Campo das Letras.

- 
- ☑ Constantino, J. (1990a). “Desporto e Autarquias”, in *Revista Horizonte*. vol. VII, n.º 40 (Dossier I).
  
  - ☑ Constantino, J. (1990b). *Políticas de desenvolvimento desportivo nas autarquias*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
  
  - ☑ Constantino, J. (1993a). “O Cidadão e o Desporto”, in *Revista Horizonte*. vol. IX, n.º 54 (pp. 205-210).
  
  - ☑ Constantino, J. (1993b). *Critérios, textos e orientações de política desportiva*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
  
  - ☑ Constantino, J. (1994). *Desporto e Municípios*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda.
  
  - ☑ Constantino, J. (1999). *Desporto, Políticas e Autarquias*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda.
  
  - ☑ Correia, A. (1996). “Os «5C» da gestão de projectos em desportos náuticos”, in *Revista Horizonte*. vol. XII, n.º 71 (pp. 189-192).
  
  - ☑ Correia, A. (2004). “A Prática Desportiva e as Pessoas”, in *Revista Portuguesa de Gestão de Desporto*. ano 1, n.º 1 (pp. 36-42).
  
  - ☑ Dias, I. (2000). “As autarquias e o desporto do século XXI”, in *Revista Horizonte*. vol. XVI, n.º 94 (pp. 16-19).
  
  - ☑ Elias, N. (1992). *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel.
  
  - ☑ Elias, N. & Dunning, E. (1992). “O Lazer no Espectro do Tempo Livre”, in N. Elias, *A Busca da Excitação*. Difel. Lisboa: Difel.
  
  - ☑ Esteves, J. (1998). “A democratização (da prática) desportiva”, in *Revista Horizonte*. vol. XIV, n.º 84 (pp. 3-4).

- 
- ☑ Fernando, M. (1991). “Planificação Social e Procura Desportiva”, in *Revista Horizonte*. vol. VIII, n.º 44 (pp. 69-72).
  - ☑ Fernando, M. Garcia (1990). *Aspectos Sociales Del Deporte. Una Reflexion Sociológica*. Madrid: Alianza Editorial
  - ☑ Gordinho, C. (2004). “O desenvolvimento desportivo local – Quais as competências dos municípios?”, in *Revista Horizonte*. vol. XIX, n.º 113 (pp. 10-14).
  - ☑ Homem, F. (1998). “O sócio do clube desportivo, da caracterização à participação na vida do clube”, in *Revista Horizonte*. vol. XIV, n.º 83 (pp. 29-39).
  - ☑ Lima, T. (1988).”Uma perspectiva sobre as instalações desportivas”, in *Revista Horizonte*. vol. V, n.º 28 (pp. 132-137).
  - ☑ Mamede, P. (1996). “Estratégia global de gestão do desporto municipal”, in *Revista Horizonte*. vol. XII, n.º 72 (pp. 206-208).
  - ☑ Maguire, J. et al (2002). *Sport Worlds. A Sociological Perspective*. Champaign: Human Kinetics.
  - ☑ Marivoet, Salomé (1991). “Hábitos Desportivos da População Portuguesa”. in *Revista Horizonte*. vol. VII, n.º 42 (pp. 191-195).
  - ☑ Marivoet, S. (1993). “Hábitos Desportivos – valores socioculturais em mudança”, in *Revista Horizonte*. vol. IX, n.º 53 (pp. 193-198).
  - ☑ Marivoet, S. (1996). “Desporto – do ideal à realidade”, in *Revista Horizonte*. vol. XII, n.º 71 (pp. 193-196).

- 
- ☑ Marivoet, Salomé (1998). “Tempos e espaços de realização humana no contexto das novas necessidades sociais”. in *Revista Horizonte*. vol. XIV, n.º 81 (pp. 9-11).
  
  - ☑ Marivoet, Salomé (2001). *Hábitos Desportivos da População Portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.
  
  - ☑ Marivoet, Salomé (2002). “Novas Perspectivas de Gestão. Os Equipamentos Desportivos face às tendências da procura”, in *Seminário Equipamentos Desportivos. Novas Perspectivas de Gestão*. Évora: AMDE, (pp71-84).
  
  - ☑ Marivoet, Salomé (2002). *Aspectos Sociológicos do Desporto (2)*. Lisboa: Livros Horizonte.
  
  - ☑ Meirim, J. (1994). “Elementos para o estudo da política desportiva portuguesa”, in *Revista Horizonte*. vol. XI, n.º 64 (pp. 123-124).
  
  - ☑ Nunes, M. (1995). “Motivação para a prática desportiva”, in *Revista Horizonte*. vol. XII, n.º 67 (pp. 13-17).
  
  - ☑ Olin, K. (1999). “Desporto, cultura, trabalho e tempos-livres”, in *Revista Horizonte*. vol. XV, n.º 81 (pp. 37-39).
  
  - ☑ Pereira, E. (1997). “O desporto e as autarquias”, in *Revista Horizonte*. vol. XIII, n.º 76 (pp. 22-25).
  
  - ☑ Pereira, E. (2000). “Actividades físicas e desportivas: que intervenção autárquica?”, in *Revista Horizonte*. vol. XVI, n.º 96 (pp. 12-20).
  
  - ☑ Pires, G. (1993). “Autarquias e Planeamento Democrático”, in *Revista Horizonte*. vol. X, n.º 56 (pp. 63-73).
  
  - ☑ Pires, G (1994). “Organização do Futuro. 10 Megatendências”, in *Revista Horizonte*. vol. XI, n.º 61 (pp. 3-13).

- ☑ Pires, P. & Sarmiento, J. (1999). “Estudo da rentabilização social e económica das piscinas do Baixo Vouga”, in *Revista Horizonte*. vol. XV, n.º 90 (pp. 33-39).
  
- ☑ Quivy, R. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
  
- ☑ Sousa, G. (1995). “Inovação e criatividade no desenvolvimento de novos serviços desportivos”, in *Revista Horizonte*. vol. XII, n.º 70 (pp. 132-135).
  
- ☑ Stigger, M. Paulo (2002). *Esporte, Lazer e Estilos de Vida: um estudo etnográfico*. Campinas: Autores Associados.
  
- ☑ Teixeira, M. (2000). “O consumo de serviços desportivos”, in *Revista Horizonte*. vol. XVI, n.º 93 (pp. 3-11).
  
- ☑ Tenreiro, F. (1996). “O desporto português em 1995 – um caso de falhas do mercado e do estado”, in *Revista Horizonte*. vol. XII, n.º 71 (pp. 168-172).
  
- ☑ Tenreiro, F. (2004). “Promover a eficiência económica; realizar a excelência desportiva”, in *Revista Portuguesa de Gestão de Desporto*. ano 1, n.º 1 (pp. 43-53).

# **ANEXOS**